

**Ir. Basilio Rueda Guzmán
HOMEM DE DEUS**

Caderno 2

MARIA, CHAMPAGNAT, A IGREJA

IR. GIOVANNI BIGOTTO

1

MARIA NA VIDA E NO PENSAMENTO DE BASÍLIO

Em nossa Congregação é conhecido por sua Circular sobre a Mãe do Senhor, *Um Novo Espaço para Maria*. Vinha na hora exata, após os anos de hesitação que se seguiram ao Concílio, e a tendência crescente de marginalizar em nossa fé a Virgem Maria. Para muitos Irmãos Maristas essa Circular causou grande alegria, como se o céu marial voltasse à serenidade. Era o presente de Basílio no fim de seu primeiro mandato. Na sua intenção era realmente o regalo final, algo como Jesus que nos dá sua Mãe na cruz. Estava convencido de não ser reeleito, e suas malas estavam prontas. Essa Circular era também um ato de gratidão para com Aquela que permanecia “o Recurso Habitual”. No seu escrito ele queria mostrar tudo o que Ela havia feito durante seus nove anos de mandato,¹ eco de Marcelino que dizia: “Ela fez tudo entre nós!”.

1.1. Na sua juventude

Mas voltemos a um Basílio mais jovem, aquele que ainda não encontrou sua vocação marista. Reconhece que não gostava das orações um pouco longas que se faziam na sua família. Em contrapartida, sentia prazer em rezar pessoalmente o rosário.² É claro que isso é apenas um começo. Mas vários depoimentos confirmam que seu noviciado foi marcado por forte devoção marial.³ E quando foi responsável pelo movimento *Mundo Melhor*, no Equador, confidenciou a uma Irmã que trazia em si, prontinho, um livro sobre a Santíssima Virgem, mas faltava-lhe tempo para escrevê-lo.

¹ *Um Novo Espaço para Maria*, p. 253.

² Seu testemunho sobre sua vocação, na revista *Religiosos Hoy*.

³ Cf. em *Quero despertar a Aurora*, o testemunho do Irmão Gabriel Michel, p. 42.

1.2. Um tempo de confusão

Nisso vem o Concílio. Sabemos o que ele produziu mesmo em nossa Congregação marial. Em algumas comunidades, as estátuas de São José e da Santíssima Virgem Maria foram jogadas ao sótão. Contudo Basílio, que tinha conhecimento excelente e sadio dos textos e do espírito do Concílio, repetia em diversos meios e circunstâncias que o capítulo VIII de *Lumen Gentium*, sobre a Santíssima Virgem no povo de Deus, era uma jóia, um verdadeiro presente do Espírito: “Muitos Irmãos chegam a sentir certo mal-estar em sua vida marial. Ao meu ver, trata-se de um paradoxo: chegaram a questionar se almas especificamente chamadas ao apostolado marial e se um Instituto como o nosso ainda têm sentido hoje e se lhes resta algum trabalho a fazer na Igreja pós-conciliar. Pois bem, o Concílio jamais retirou de Maria seu lugar e sua grandeza, nem subestimou o amor que o povo cristão sempre demonstrou a Maria. Pelo contrário, a mensagem que mandou foi um apelo à purificação e à autenticidade dessa devoção; confirmou com sua autoridade (num documento sintético e sóbrio, se quiserem, mas sério e de grande valor) toda a grandeza de Maria e a essência e riqueza de nossa devoção à Mãe de Deus”.⁴ Basílio conclui que na Igreja nós temos “uma função especificamente marial”, mas o texto conciliar nos “impõe uma reciclagem”.⁵

1.3. Maria caracteriza os Maristas

Dessa função especificamente marial ele define qual é “de certa forma, a alma do Instituto; dá-lhe seu espírito e justifica sua finalidade”.⁶ Em outras páginas Basílio faz alusão ao Documento Marial que o Capítulo de 1967-68 tinha produzido e que, a seu modo de ver e pelos ecos que havia recebido, era dos melhores. Contudo, após um momento de atrativo, os Irmãos terminarão pondo-o de lado, deixando perceber a hesitação ou, melhor, a expectativa, a procura, que havia neles após o Concílio. Alegra-se porque os Irmãos do Brasil organizam um Congresso Marial e escreve-lhes: “Tenho a certeza de que vai ser

⁴ Circ. 2 de janeiro 1968, *Os apelos da Igreja*, p. 450. (A Circular de 02 de janeiro de 1968 é composta de várias partes. As mais importantes, na segunda parte da circular, compõe *os apelos da Igreja, os apelos do mundo de hoje e os apelos do Fundador ao nosso Capítulo especial*).

Circ. 2 de janeiro 1968, *Os apelos da Igreja*, p. 451.

⁶ Circ. 2 de janeiro 1968, *Os apelos da Igreja*, p. 451.

uma bênção para o Brasil e estou certo de que uma das vocações particulares do Brasil Marista será reanimar, desafiar, reativar e fazer surgir no mundo marista a devoção a Nossa Senhora”.⁷

Acha particularmente feliz o lema do Congresso: “Do jeito de Maria”. Escreve aos Irmãos que nele trabalham: “Digo-lhes que não poderão em toda a história da humanidade escolher um modelo mais perfeito, mais admirável. Por dois motivos:

Porque dos dedos de Deus, desse artista soberano, jamais saiu um ser humano mais perfeito, mais belo, mais axiológico do que Maria... Essa mulher superdotada, moralmente superdotada, ontologicamente superdotada, com riqueza e ao mesmo tempo simplicidade, e vibração por toda a história da salvação...”.⁸ Outro motivo de alegria são as conseqüências pedagógicas e pastorais de tomarem como divisa ‘Do jeito de Maria’. “Que os Irmãos Maristas adotem essa divisa em suas relações, em seu modo de ver, de falar, de tratar, de transmitir Jesus aos jovens... Educar ‘do jeito de Maria’ será autêntica revolução copernicana na educação no Brasil”.⁹ Essa idéia de educar do ‘jeito de Maria’ entrará nas Constituições de 1986, no artigo 84: *Maria educadora de Jesus*.

1.4. O Magnificat

E ele não havia esquecido o livro já pronto que trazia no coração. Por vezes lhe escapavam uns trechos dele. Por exemplo, em sua primeira Circular, *de 2 de janeiro de 1968*, quando fala do Magnificat: “O desgosto manifestado por alguns Irmãos pela recitação dos Salmos não teria sua origem na primeira formação orientada para uma espiritualidade individualista, em que sua própria vida religiosa não chega a tomar jeito resolutamente? Por outra, esses religiosos não ignorariam também a vida de Jesus e da Igreja? Esse não foi o caso de Maria: seu Magnificat é como um concerto misturando sua própria história com a de seu Povo, e seu Povo canta nela... é necessário deixar-se moldar no contato da Palavra divina”.¹⁰

⁷ Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, Viamão, 16 de janeiro de 1982, p. 3.

⁸ Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, p. 3.

⁹ Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, p. 5.

¹⁰ Circ. *Os apelos da Igreja e do mundo de hoje al Capitulo*, pp. 375-77.

1.5. À procura de sabedoria

Nas primeiras páginas dessa Circular, com apenas três meses de Superior-Geral, é para Maria que se volta numa prece espontânea para pedir a prudência necessária para governar: “Desejo e peço ao bom Deus que meus desejos se tornem feliz realidade e que, para levar a bom termo esta tarefa delicada de governar, Nossa Senhora, Trono da Sabedoria, me alcance a virtude da prudência, virtude essencial ao Superior”.¹¹

1.6. Sua maneira de rezar à Boa Mãe

Por meio de testemunhos diferentes – notadamente do Padre Manuel Portillo, seu colaborador em quase todos os retiros nos países de língua espanhola – sabemos como ele rezava o terço e quanta liberdade tinha nessa oração. Mas citemos antes outro testemunho: “É o resumo de uma conversa entre os Irmãos Mariano Medina, Hilário Schawb e eu, enquanto nos dirigíamos de carro ao Vaticano, no dia 19 de outubro de 2001. A conversa recaiu sobre o Irmão Basílio, e o Irmão Mariano a nos dizer: ‘Eis um pequeno fato: Eu voltava de Montecassino com o Padre Manuel Portillo, grande colaborador de Basílio. Em dado momento ele nos diz: ‘Por que não rezaríamos um terço, no estilo de Basílio?’. Esse terço comportava apenas dois mistérios, mas poderia durar até uma hora. O primeiro mistério consistia em rezar pelas pessoas que havíamos encontrado e com as quais havíamos trabalhado. Nas ave-marias, Basílio nomeava tal ou tal pessoa e ampliava a oração para lembrar à Mãe do Senhor as necessidades, as responsabilidades, as alegrias, as maravilhas dessas pessoas. Eram ave-marias bem personalizadas, brotando da vida e que revelavam não só a atenção, o coração e a memória de Basílio e sua grande liberdade na oração – flexibilizando-a e alargando-lhe a fórmula tradicional – mas também sua imensa confiança em Maria. As ave-marias tornavam-se imploração, gratidão, admiração, louvor.

O segundo mistério consistia em rezar pelas pessoas que iríamos encontrar, e continuávamos do mesmo jeito, a mesma generosidade e a mesma liberdade”.¹²

¹¹ Circ. 2 de janeiro 1968, p. 7.

¹² Recordação do Irmão Mariano Medina, adjunto do Ecônomo-Geral, Roma, 19-10-2001.

Enquanto estas linhas estão sendo escritas (12-2-2003), o P. Manuel Portillo está conosco em Roma. Fiz-lhe alusão ao terço do jeito de Basílio, e ele me disse: “Sim, era uma oração bem espontânea. Começava sempre por louvar a Virgem Maria: Virgem do Bom Conselho, Virgem da Prudência, Virgem da Alegria, Virgem que reflete, a pobre de Javé... Ele tinha uma primeira dezena de louvor, depois a da gratidão: agradecia-lhe todo o trabalho feito durante o retiro ou durante a visita... Depois tinha muito tempo para dezenas de intercessão”.¹³

Esse depoimento nos revela o que era Basílio na sua espontaneidade para com a Boa Mãe. Na mensagem que enviou aos Irmãos do Brasil para o Congresso Marial que estavam preparando, comenta a divisa ‘Do jeito de Maria’: “A companhia da Virgem nos fará descobrir um Cristo mais próximo, mais tangível, com quem podemos comer, sentar-nos a seu lado, que podemos tocar e anunciar, e isso, vindo de uma experiência espiritual, será extraordinário. No jeito de Maria, vamos sentir Deus como Pai, a maravilhosa paternidade de Deus”.¹⁴

1.7. O rosário

Já no retiro que pregara aos Irmãos da Província Norte, em 1972, havia convidado a essa liberdade na recitação do rosário: “De mais a mais, o rosário apresenta vantagens imensas. Por exemplo: Quem me obriga a tomar os mistérios, tais quais são propostos, como por obrigação? Posso perfeitamente tomar minha Bíblia de bolso (e nisso deve haver grande independência, devemos quebrar muitos formalismos) e se eu quiser impregnar a recitação do terço com a meditação da Epístola aos Romanos, leio uma passagem, rezo e releio. Assim ponho um conteúdo bíblico que me impregnará de São João ou de São Paulo, etc., e enquanto cultivo uma espiritualidade marial, dou-me também uma espiritualidade bíblica”.¹⁵

É assim que João Paulo II justifica a introdução dos cinco mistérios luminosos: rezar com toda a vida pública do Cristo. Não somente Basílio sentia-se livre na maneira de recitar o terço, mas não hesitava em dizer aos Irmãos, sobretudo àqueles para os quais o terço se tornara uma oração pesada: “Se há uma oração

¹³ Roma, neste 14 de fevereiro de 2003: o P. Manuel Portillo passou duas semanas conosco.

¹⁴ Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, p. 4.

¹⁵ *Llamamiento a la renovación*, p. 38, outubro de 1972.

marial de qualidade melhor que o rosário, tomem-na tranqüilamente, sem preocupações, desde que rezemos verdadeiramente à Virgem Maria, a amemos e nutramos por Ela uma devoção profunda... Creio que chegamos a momentos de transição e devemos aceitar uma alternância de fórmulas para ajudar a espiritualidade dos Irmãos... Mas temos necessidade de um ritmo cotidiano de oração marial”.¹⁶

1.8. Um Novo Espaço para Maria

Tudo isso nos diz, seguramente, qual a relação que Basílio tinha com a Virgem Maria. Mas nada revela tanto a alma marial de Basílio do que sua Circular *Um Novo Espaço para Maria*: a teologia é das mais puras, mais avançadas e, ainda hoje, muito atual, baseada nas Escrituras, longe das devoções vacilantes (Basílio confessa não ser atraído por aparições, embora nada tenha contra, mas a Palavra de Deus ultrapassa todas as aparições). As afirmações exegéticas e as intuições espirituais se exprimem sempre numa linguagem que traduz o respeito e a afeição. Estamos em presença de um estudo marial, de uma mensagem para nossa família, mas também de um prolongado louvor: a reflexão se passa constantemente sobre o bulevar da oração. Essa Circular acolhe muitos depoimentos de Irmãos sobre seu amor à Boa Mãe, e isso dá um pouco a paisagem marial do Instituto, bem mais sadia do que se imaginava. Acrescentemos a nuance revelada pelo Irmão Gabriel Michel, que a primeira parte da Circular, aquela teologal, Basílio a teria ditado, sem parar, durante pouco mais de uma hora. Isso prova que ele trazia consigo, já prontinho, um livro sobre Maria: “Seja como for, um dia vai decidir escrever *Um Novo Espaço para Maria*. Milhares de Irmãos deram-lhe, por escrito, seu depoimento sobre o que Maria tinha sido para eles. Uma multidão de excertos será publicada; mas faz-se necessário um prólogo teológico para esse conjunto. Conforme seus princípios de prudência, reuniu um grupo de Irmãos estudantes que seguiram cursos de Mariologia. Durante uns quinze ou vinte minutos, faz-lhes perguntas, escuta-os e, depois, durante uma hora, põe-se a ditar sem interromper todo o prólogo da Circular. Ninguém o interrompia, tanto tinham certeza de que seu pensamento era claro, sobre o que iria dizer da Boa Mãe”.¹⁷ Basílio confirma

¹⁶ *Llamamiento a la renovación*, p. 13, outubro de 1972.

¹⁷ *Quero despertar a Aurora*, p. 41.

esse depoimento nas páginas introdutórias: “Esta Circular foi concebida e realizada conforme o plano e a doutrina que eu trazia no coração antes mesmo que a equipe tivesse sido constituída”.¹⁸ Comentando essa Circular, o Irmão Cláudio Girardi escreveu: “Basílio foi para nós todos um mensageiro e um modelo de devoção marial do jeito marista. A bela Circular que escreveu sobre Maria... foi como que uma fonte”.¹⁹

Na mensagem que Basílio envia ao Congresso Marial do Brasil, 1982, ele dá uma das razões que o levaram a escrever a Circular: “Todos sabem que nestes últimos tempos houve uma crise marial, um esfriamento, ou melhor, um momento de perplexidade: perplexidade teológica, perplexidade devocional, pastoral, em nível de Instituto, para com a Virgem Maria. A Circular *Um Novo Espaço para Maria* eu a escrevi em parte exatamente por isso e como tributo à Virgem que esteve na origem de minha vocação”.²⁰

1.9. Num clima de oração e fraternidade

Muito significativos são também o espírito e o clima em que a Circular foi escrita: “Acrescento ainda que esta Circular foi feita numa casa de retiro. Foi cercada de oração e de verdadeira comunicação de fé e caminhada marial. Às vezes o diálogo marial durava três horas e mais..., as orações participadas ou não duravam de meio hora a uma hora e meia. Por tudo isso agradeço à equipe que, com alegria e verdadeiro amor a Maria, se empenhou nessa iniciativa, representando nacionalidades, funções, mentalidades e idades diferentes; exatamente o que nos era preciso”.²¹ Alguns parágrafos adiante, escrevia: “Que o Espírito Santo que deu à Igreja Maria, essa criatura maravilhosa – antecipação e culminância da humanidade resgatada – e que deu ao Instituto a graça de ser particularmente encarregado de fazê-la conhecer e honrar, abençoe as palavras desta Circular... Convido os Irmãos a lê-la no mesmo espírito de amor, de alegria e de oração em que foi redigida”.²² Foi realmente assim que os Irmãos acolheram e leram a Circular, com emoção, num clima de oração e ufania. Essa

¹⁸ *Um novo espaço para Maria*, p. 255.

¹⁹ Ir. Cláudio Girardi, testemunho de 18-12-2002.

²⁰ Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, Viamão, 16-1-1982, p. 2.

²¹ *Um novo espaço para Maria*, p. 256.

²² *Um novo espaço para Maria*, pp. 257-258.

Circular marca a volta pacífica, estável, da Mãe do Senhor na vida comunitária e no apostolado marial dos Irmãos: foi um momento de alegres reencontros.

1.10. A fé da Santíssima Virgem

Não faremos a análise desse escrito, muito rico, muito denso e do qual um dos principais fios condutores é o itinerário de fé da Virgem Maria. Essa fé Basílio vê-a emergir constantemente e subir para um conhecimento de seu Filho e adesão cada vez mais fortes. Maria não tinha uma fé estática, mas viva, que crescia e amadurecia a cada nova epifania de seu Filho. Por seu Sim, Maria não acolhe apenas um bebê no seu seio, mas o Verbo de Deus, a Palavra. E, quando mais tarde Jesus for adulto e que a Palavra de Deus se multiplicará nas estradas da salvação, Maria será ainda aquela que vai acolher essa Palavra que ressoa: “Tudo isso nos mostra em Maria uma caminhada de fé que a situa como Mãe do Senhor, não já por uma maternidade física que acolhe uma carne humana, mas por outra maternidade que vai se ampliando e que acolhe, por inteiro, a Palavra de Deus para dela fazer sua vida, seu alimento na fé”.²³

Alguns parágrafos atrás, Basílio tinha lembrado o pensamento de Santo Agostinho, no final de uma das suas próprias reflexões: “Não é senão pela fé na Palavra e no cumprimento da vontade divina que ela teve acesso a Jesus, desde a Anunciação. Por que a maternidade divina é tão maravilhosa? E foi tão exaltada pela Igreja? Porque aquilo que é primeiro nela não é o laço biológico ou psicológico, mas o laço espiritual. É preciso que Maria conceba primeiro Jesus no seu coração para concebê-lo depois em seu seio: *‘prius mente quam ventre concepit’*, diz Santo Agostinho”.²⁴ Quando da ressurreição e, ante o silêncio dos evangelhos sobre uma aparição à Mãe, Basílio, fiel em seguir o caminho da fé, prefere ver Maria no grupo imenso dos fiéis do Filho, que são “felizes porque crêem sem terem visto”, e essa bem-aventurança junta-se à de Isabel: “Feliz de ti porque acreditaste!”.²⁵ E eis aqui um parágrafo que condensa a experiência de fé da Virgem, após o sepultamento de Jesus, seu Filho: “Maria terá, pois, estado lá, em todos os momentos essenciais para fazer plenamente sua experiência de fé. Jamais outra experiência de fé terá sido menos nebulosa. Vindo do Pai, seu

²³ *Um novo espaço para Maria*, p. 345.

²⁴ *Um novo espaço para Maria*, p. 342.

²⁵ *Um novo espaço para Maria*, p. 364.

Jesus foi confiado à terra”.²⁶ Cada etapa da vida de Maria é ocasião para que sua fé cresça, se rejuvenesça, torne-se novo dom a seu Filho, no amor. Basílio havia definido a fé desta forma: “Todo ato de fé é efeito da inteligência que ‘vê’, pela Palavra de Deus nas trevas do Mistério; mas é também e indissolivelmente fruto de uma vontade que adere conscientemente e cordialmente ao desígnio e à Pessoa de Deus, sob a moção do Espírito Santo”.²⁷ Essa maneira de insistir sobre a fé da Virgem Maria revela duas realidades importantes de Basílio: sua relação com a Mãe do Salvador não é só feita de sentimentos de respeito e de afeição, mas de uma maneira de viver em profundidade o mistério de Maria, como uma comunhão com a alma de Maria, com a verdade cotidiana da Mãe de Jesus. Mostra também qual era a familiaridade de Basílio com a fé: como ele a vivia e a compreendia, e como ele mesmo era homem de fé. Em quase todas as páginas da Circular emerge a fé da Virgem Maria, proclamada pela fé do Irmão Basílio. Eles estão em comunhão de fé. Esse aspecto mereceria, sozinho, todo um estudo que poderia tomar lugar num capítulo sobre a fé do Irmão Basílio.

Num parágrafo bastante denso da mensagem que Basílio envia, em 1982, ao Congresso Marial do Brasil, ele descreve, como num resumo, a fé da Virgem Maria: “É um fato que o coração da história de Maria se caracteriza por uma coisa: ‘A mulher colocada na sombra do Espírito Santo traz Deus ao nosso mundo, introduz a eternidade na História, vai historicizar Deus, ela vai andar durante sua vida, de sua fé judia à sua fé cristã, da sinagoga à Igreja... numa perfeita docilidade ao Espírito Santo’”.²⁸

Vários excertos serão propostos no final desta reflexão. Contudo é muito difícil não apresentar o que poderíamos chamar a Ladainha da Virgem presente na Circular. Ela fala alto do amor que o autor tem para com a Mãe do Senhor. Ele escreve e, ao mesmo tempo, o incenso do louvor se eleva de seu coração: sua reflexão é oração, sua oração é inspiração.

1.11. Ladainha na Circular

Maria, Mãe e modelo dos crentes (p. 161).

Maria, o mais belo fruto de Israel (p. 271).

²⁶ *Um novo espaço para Maria*, p. 363.

²⁷ *Um novo espaço para Maria*, p. 287.

²⁸ Mensagem por ocasião do abertura do Congresso Marial, p. 4.

Maria, a perfeita pobre de Javé (p. 272).
Maria, a favorita, a bem-amada de Deus (pp. 274-275).
Maria que fala, toma iniciativas, age, reflete (p. 275).
Maria, uma modesta Nazarena (p. 278).
Maria, a Virgem da reflexão (p. 279).
Maria, toda receptiva, vaso de eleição, primeira evangelizada (p. 279).
Maria, morada materna do Messias, do Emanuel (p. 280).
Maria, Virgem obediente (p. 281).
Maria, na vossa virgindade, sinal que fala da divindade do Filho (p. 285).
Maria, tenda do reencontro (p. 285).
Maria, iniciada progressivamente na descoberta da divindade de seu Filho (p. 286).
Maria, uma busca incansável de Deus (p. 286).
Maria, que experimenta o Espírito de Poder (p. 287).
Maria, a serva do Senhor.
Maria, que acolhe Jesus, bendito fruto do seu ventre (p. 288).
Maria, nossa representante, nosso porta-voz (289).
Maria, em quem se modela a Igreja, isto é, todos nós.
Maria, a que escuta a Palavra de Deus (p. 289).
Maria a jovem visitante (p. 292).
Maria, portadora da boa-nova da salvação (9. 292).
Maria, a primeira a receber e a representar a Nova Aliança (p. 292).
Maria, bendita sois vós entre as mulheres (p. 292).
Maria, bem-aventurada por ter acreditado.
Maria. ao mesmo tempo muito comunicativa (294).
Maria, aquela que canta: O Reino chegou (295).
Maria, conduzida pelo Espírito (p. 300).
Maria, vontade de oferta (p. 300).
Maria, mulher de alma traspassada (p. 302).
Maria, Mãe do Servo-sofredor.
Maria, irmã e discípula do Senhor glorificado (p. 306).
Maria, itinerante da fé (p. 306).
Maria, cheia de angústia pela perda do Filho (p. 309).
Maria, que não compreende seu Filho (312).
Maria, atenta à Palavra (p. 316).
Maria, Virgem que escuta (316).

Maria, que acolheu a Palavra com amor.
Maria, calma e serena no seu espírito (p. 316).
Maria, mulher aberta, que sabe ler os sinais dos tempos (p. 316).
Maria, que não hesita em aceitar a mudança, a novidade, o inesperado (p. 316).
Maria, mestra dos sentimentos (p. 316).
Maria, que espera, reflete, pesa, objeta, pede um pouco mais de luz (p. 316).
Maria, cuja presença traz a alegria de viver (p. 317).
Maria, cuja palavra comunica a paz do Senhor (p. 317).
Maria, que traz sempre o Verbo de Deus em seu coração (p. 317).
Maria, em contemplação da Palavra (p. 317).
Maria, ao mesmo tempo humilde, lúcida e luminosa (p. 317).
Maria, Mãe de Jesus (p. 318).
Maria, a primeira cristã (p. 318).
Maria, perfeita educadora do menino Jesus (p. 318).
Maria, cuja alma está cheia da sabedoria bíblica (p. 318).
Maria, totalmente abandonada à vontade de Deus (p. 318).
Maria, a primeira dos pequenos do Reino aos quais o Pai se compraz em revelar os mistérios (p. 318).
Maria, na carne que dais ao menino há a semente da cruz (p. 328).
Maria, a crente por excelência, a favorita de Deus, a que meditava tudo em seu coração (p. 328).
Maria, aquela que vivia à sombra do Espírito (p. 328).
Maria, que introduziu neste mundo as núpcias messiânicas (p. 334).
Maria, que dá o vinho da festa (p. 334).
Maria, que deseja que a festa continue (p. 334).
Maria, chamada mulher por vosso Filho (p. 336).
Maria, a humilde serva do Senhor, a crente por excelência (p. 339).
Maria, do grupo itinerante de Jesus (p. 340).
Maria, a feliz que trouxe e aleitou o grande profeta (p. 342).
Maria, presença silenciosa na Igreja (p. 343).
Maria, intercessão viva e atuante na Igreja (p. 343).
Maria, Medianeira (p. 344)
Maria, toda relativa a Jesus (p. 347).
Maria, espiga virginal da qual cai o grão que deve morrer,
Maria, que nos precede na ciência do Reino (p. 366).

Essa ladainha de Basílio, fruto de seu amor, pode muito bem tornar-se, às vezes, nossa oração, nosso tempo de intimidade com a Boa Mãe e habituar-nos à liberdade dum coração que ama.

1.12. Pedagogia da Circular

Essa Circular responde a uma necessidade real: a situação de incerteza quanto ao culto à Virgem que se instalara após o Concílio e contra a intenção do Concílio. Pois bem, em face dessa perturbação, Basílio procede com pedagogia notável para consolidar os Irmãos no seu amor Àquela que “tudo fez entre nós”. Parte dum estudo teológico sólido para colocar a Virgem Maria no mistério da salvação; continua com a tradição secular da Igreja; estuda a presença de Maria nas origens da família marista e notadamente no coração, na oração, nos ensinamentos e na atividade do Fundador; prossegue com a tradição marial de nossa Congregação, de Superior-Geral a Superior-Geral, mas sobretudo tem o estalinho do gênio de abrir a Circular aos testemunhos dos Irmãos de hoje. Esses testemunhos revelam como Maria é muito presente e ativa no coração e no apostolado dos Maristas. Nada melhor que isso para nos convencer de que Maria é acolhida e deve continuar no meio de nós a Mãe amada, invocada, celebrada, proclamada, inspiradora de nossa fé e de nossa presença junto à juventude. Por isso, a partir dessa Circular, o conjunto da Congregação voltou a uma devoção à Virgem, calma, espontânea, parte integrante e importante do carisma e da espiritualidade marista. Isso será consagrado nas novas Constituições que o afirmam claramente em todos os primeiros artigos e notadamente no artigo 7: “A espiritualidade legada por Marcelino Champagnat é mariana e apostólica...”. Basílio soube convencer os Irmãos quanto à necessidade da presença da Mãe em nossa vida de pessoas consagradas e de Maristas, sob o risco de perdermos nossa própria identidade.

1.13. Seu último Capítulo Geral

No Capítulo Geral de 1993, Basílio foi escolhido para ler a consagração da Congregação à Virgem Maria. A 18 de setembro realizou-se a entronização da estátua da Boa Mãe. Trouxeram a estátua em procissão, da Grande Capela à Sala

Capitular. Uma oração de consagração concluiu a cerimônia. Basílio devia exprimir o pensamento dos capitulares. Vão aqui alguns extratos da oração: “Santa Mãe de Deus, reunidos em Capítulo, vimos hoje depositar em vossas mãos e em vosso coração de Mãe, nossa gratidão, nossas esperanças e nossos projetos para que vós os apresenteis a Nosso Senhor... Nosso mundo, nossa Igreja, nossa Congregação devem enfrentar graves problemas, necessidades urgentes. A tarefa que nos confiou o Espírito Santo, através do carisma de Champagnat, é mais apaixonante do que nunca. Ajudai-nos a descobri-la, situá-la, cumpri-la e a sermos como vós, para a juventude, sinais vivos da ternura do Pai e do coração maternal da Igreja”.²⁹

1.14. Maria, quando lhe sobrevém a doença

O Irmão Léonard Ouellet esteve à cabeceira de Basílio durante sua última doença, fez-lhe companhia, rezou com ele e o viu morrer. No seu depoimento escrito diz: “Pedi-me que rezasse com ele. Conhecendo seus gostos marcados pela leitura do Evangelho de São João, os Salmos, a Salve-Rainha, alguns cantos religiosos em espanhol e em francês, o terço, acompanhei-o muitas vezes com orações diversificadas. No sábado, 20 de janeiro, sofreu muito. Estava semiconsciente... Com a presença de ex-noviços vindos do México para visitá-lo, cantamos a Salve-Regina perto de sua cama. Essa vez ele não participou devido à grande fraqueza... Domingo, dia da Ressurreição do Senhor, 21 de janeiro de 1996, às 9h45min, entregou em paz e serenidade sua bela alma a Deus. Um extraordinário homem de Deus, um santo nos havia deixado para reunir-se no amor, com seu Deus que ele amava ardentemente...”.³⁰

1.15. Amigos falaram...

O testemunho do Irmão Ángel Goni Larendegui fala do amor que Basílio tinha a Maria: “Sua devoção à Virgem Maria também foi notável. Acaso poderia ter sido diferente para um Marista como Basílio que tanto amava sua vocação? Isso está claro na belíssima Circular *Um Novo Espaço para Maria*. Livro admirado e

²⁹ *FMS Message*, n.º 19, maio de 1996, p. 57.

³⁰ *FMS Message*, n.º 19, maio de 1996, p. 12.

consultado pelos seus e por outros... A primeira parte revela o conhecimento profundo do tema e seu amor inflamado para com Maria, Rainha, Primeira Superiora e Recurso Habitual do Instituto Marista...”.³¹ Seus noviços, os que ele teve como discípulos diretos até seus últimos dias, falam dele como de “um homem de oração, de fé e de grande amor a Maria”.³² O Irmão Edouard Blondel, inscreve na série de seus agradecimentos a Basílio, o de nos ter dado a Circular *Um Novo Espaço para Maria*, e continua: “Obrigado, por ter salvo do esquecimento e do abandono o patrimônio marista de Nossa Senhora de l’Hermitage e por nos ter dado a ocasião de aí reencontrar para todo o sempre o Padre Champagnat, o Irmão Francisco e os primeiros Irmãos”.³³ Um depoimento que cobre a amplitude da vida do Irmão Basílio, como marista, é o de José Ocaranza Sainz: “É como se eu o visse ainda postulante, no dormitório comum, ajoelhado ao pé da cama, antes de se deitar. Diante da imagem da Santíssima Virgem, mergulhava em fervoroso diálogo... Para mim isso era o começo de uma devoção muito profunda, sólida e também terna para com a Mãe de Deus e que iria manifestar-se de muitas maneiras na sua vida religiosa e na sua resposta ao Senhor.

Quando se encontrava no leito de dor, com exemplar resignação e o sorriso nos lábios, a todos, da família ou amigos, que íamos visitá-lo, ele nos aproximava do Senhor por seu exemplo de dom total à vontade de Deus. Agradecia-nos pelas atenções que lhe mostrávamos. Num espírito cheio de amor a Deus e à Virgem Maria, pedia-nos que rezássemos em voz alta e lhe cantássemos as velhas cantigas de amor à Mãe do céu. Com os lábios acompanhava a *Salve-Regina*, o *Sub tuum*, o *Toujours, toujours* e todos aqueles cantos que nos colocavam nas mãos de nossa Mãe, de nosso Recurso Habitual para alcançarmos Jesus”.³⁴

1.16. E as Constituições?

Como todas as Congregações, a convite do Concílio, a nossa também escreveu suas novas Constituições. Elas têm as características que Basílio via para o novo estilo de vida religiosa: mais evangélico, mais espiritual, que fale ao coração, que

³¹ *México Marista*, n.º 10, pp. 27-28.

³² *FMS Message*, n.º 19, maio de 1996, p. 43.

³³ *FMS Message*, n.º 19, maio de 1996, p. 56.

³⁴ *El Estilo de una Vida*, p. 36.

apele à intimidade com Deus. Nessas Constituições é curioso verificar como os artigos sobre a Santíssima Virgem Maria têm o mesmo tom que as reflexões de Basílio em *Um Novo Espaço para Maria* e atestam fortemente a caminhada de Maria na fé. Foram publicadas pelo Irmão Charles Howard, em 1986, mas haviam sido pensadas e escritas quando Basílio era Superior. Há muita coisa dele nessas Constituições e seria interessante fazer um estudo paralelo dos dois textos: Circular e Constituições. Os pontos de convergência são muitos. Maria, nessas novas Constituições, está presente em todas os capítulos, porque ela deve estar presente em toda a vida, porque presente esteve na vida de Marcelino e na de Basílio. Não há um capítulo especial das Constituições sobre a Virgem Maria, mas uma constante presença discreta. É uma das características da Espiritualidade Apostólica Marista.

TEXTOS

1. Qual devoção?

Outra linha importante do Capítulo Geral foi sua atitude corajosa sobre nosso caráter marial. O Documento Marial não é somente um trabalho de profundidade e de qualidade, mas foi recebido com entusiasmo pelos Irmãos, depois de aprovado na Sala Capitular por maioria impressionante (quase unanimidade). Acho útil fazer aqui duas observações:

Pelo que pude observar, o documento está muito longe de ter levado nossos Irmãos a renovar sua espiritualidade marista nas diferentes Províncias. Estamos longe de sentir essa alegria marial que brilhava no Capítulo. Também não se percebe uma verdadeira renovação da catequese e da espiritualidade mariais.

É claro que o Concílio e o Documento Marial, ao centrarem o mistério de Maria, não tanto sobre suas prerrogativas e suas aparições, mas sobre:

sua maternidade divina e espiritual,

sua vida como peregrinação e crescimento na fé,

seu lugar na Igreja,

sublinharam na figura de Maria tudo quanto lhe é essencial. As afirmações cômodas acerca de Maria, nascidas somente da devoção e que eram multiplicadas outrora, hoje já não falam a muitas pessoas, não que estas não amem a Virgem, mas porque esses argumentos não têm solidez.

Então, ou se empreende uma verdadeira formação sobre o mistério de Maria, estudada sob um ângulo novo, ou então o documento ficará ainda por muito tempo sem ser assimilado e sem dar o fruto que dele se esperava, adiando assim lamentavelmente uma das mais calorosas e entusiásticas contribuições do Capítulo Geral que desabrochou largamente nas próprias Constituições...

Mas deve-se evitar que nossos jovens Irmãos vivam uma espiritualidade marial em desacordo com os textos do Concílio e assim a transmitam à juventude de nossas escolas. Também os Irmãos mais idosos devem compreender que trabalham em vão se tentam transmitir certa devoção marial tal como a puderam sentir ou viver, sem a rejuvenescer pela meditação de *Lumen Gentium* e de nosso Documento Marial. Não se deve falar uma língua que nosso interlocutor não entende... (*Méditation à haute voix*, pp. 372-375, 1971).

2. Visitação: primeira missão gozosa cristã

“Eis que Isabel, tua parenta, concebeu também um filho... porque nada é impossível para Deus.” Esse sinal relacionava-se à concepção virginal de Jesus. Não era, em absoluto, um pormenor insignificante, como um suplemento de informação. Não. Era um presente de Deus para Maria, acompanhando a mensagem. E Maria nele descobriu secreto convite a ir ver Isabel. Para prestar-lhe serviço? Fora de dúvida... Entretanto, além da virtude adquirida da disponibilidade, existe outra motivação na presteza de Maria. Ela traz o filho no seio, mas é Ele quem a dirige por meio daquele Espírito que já repousa nele. “Na Visitação, Maria está, por conseguinte, ao inteiro serviço da missão do Filho, que nela se encarnou... Deus lhe acenou com a notícia da maternidade de Isabel, é preciso dar-lhe fé, não uma fé indiferente, morta; ao contrário, é preciso comungar com esse sinal, dar graças ao Senhor, entrar na alegria e ação de graças da parenta, como verdadeira pobre de Javé. Convidada pelo anjo à alegria messiânica, alegria a ser partilhada na fé, Maria colhe a ocasião que se apresenta para comunicar sua alegria àqueles piedosos israelitas. Eles também aguardavam na oração e na esperança a vinda do Salvador...

Como poderia guardar para si o cântico jubiloso do seu coração e a alegre notícia da nova criação inaugurada em seu seio virginal? Indubitavelmente, a pressa era conatural a essa donzela simples e espontânea. E seu coração regurgitava de entusiasmo, impaciente de poder louvar a Deus na comunhão fraterna. Ei-la a caminho, portadora da Boa Nova da salvação que nela palpita, aberta para a comunicação no Senhor! Dirige-se à casa da última estéril da Antiga Aliança, tornada fecunda pelo poder do Senhor, aquela que fora a primeira a receber e a apresentar a Nova Aliança. (*Circular Um Novo Espaço para Maria*, pp. 34-36, 8-9-1976).

3. Teu Filho, sinal de contradição; Tu mesma terás a alma traspassada por uma espada.

Existe algo ainda mais estranho nessa profecia que segue um “crescendo”. É que seu ponto culminante se atinge na pessoa de Maria. Era natural que evocasse explicitamente a morte do Messias contestado, sofredor, perseguido. Não. A ferida do gládio mortal, Simeão a transfere para a alma de Maria. “Uma espada te traspassará a alma!”. A compaixão ou transfixão dolorosa de Maria será, pois, o véu profético através do qual nos vai chegar o primeiro anúncio da

morte redentora de Jesus. Seria possível demonstração mais profunda da íntima comunhão e participação de Maria à missão redentora de Jesus? Sem dúvida, Maria será atingida no mais íntimo de seu ser... Essa dor, porém, é muito diferente do mero sofrimento moral da mãe à cabeceira do filho moribundo. É a própria dor do Cristo repercutindo no coração imaculado e materno de Maria. Quão perfeita será a união de Maria com Jesus no mistério de seus sofrimentos e de sua morte!

Por isso, a compaixão de Maria aparece tão vinculada à manifestação dos segredos dos corações. Nossa Senhora não será apenas co-vítima de Jesus na oposição dos homens ao Messias, mas de certo modo também estará implicada no próprio julgamento e execução do Messias no cimo do Calvário...

Doravante a jovem mãe vai viver na perspectiva de sua íntima associação ao destino doloroso e misterioso do Filho. Talvez ela começará a vê-lo com outros olhos. Ele não é somente o Messias-Rei; é também o Servo sofredor de Javé. Quanto a ela, sua vocação consistirá em partilhar no coração do duplo destino que se abre para Ele: morte – glorificação. (Circular *Um Novo Espaço para Maria*, pp. 43-44).

4. À escuta de Deus que fala pela boca dos homens

Reparemos ainda nesta constante na revelação progressiva do Mistério de Jesus a Maria, sua Mãe. Deus serviu-se de intermediários para ir desvelando aos olhos da Virgem os diversos aspectos da personalidade de seu Filho: Gabriel, Isabel, Simeão, Ana, os pastores, os magos... Cada um deles pôde instruí-la sobre algo de Jesus que ela ainda não sabia. É a dimensão social da fé. Nem mesmo a Mãe de Deus ficou dispensada das mediações da Igreja. A partir da Idade Média, houve tendências em se imaginar a perfeição da Santíssima Virgem como estática, algo arrematado desde o princípio. De modo algum. Outra coisa é o que nos ensina o Evangelho. Maria não foi aquela que sabia tudo, tinha tudo e dava tudo aos outros, sem precisar receber deles coisa alguma. Antes, ela foi aquela que viveu sempre à escuta de Deus a lhe falar pela boca dos homens. Mais tarde, encontrá-la-emos no Cenáculo, entre os discípulos de Jesus, sob a orientação de Pedro e dos Apóstolos. Irmã e discipula do Senhor glorificado. Como nós, Nossa Senhora, aqui na terra, terá sempre que aprender. (Circular *Um Novo Espaço para Maria*, pp. 44-45).

5. Retrato de Maria

Na meditação constante do Evangelho é que devemos achar o melhor retrato possível da Santíssima Virgem. Sem sombra de dúvida, é um retrato pintado pelo próprio Espírito Santo. Retrato inesgotável: todas as gerações contemplaram-no com alegria e descobriram algum traço novo nessa sublime simplicidade. Pois a simplicidade é a característica fundamental de Maria. Nela tudo é simples, tudo é sublime: “é o semblante que mais se parece com o de Cristo – para dizê-lo nas palavras de Dante.

De que modo os evangelistas divisaram a fisionomia psicorreliosa de Maria? Antes de tudo, Maria é *atenta* à Palavra de Deus (a Virgem da escuta). Com amor sabe acolher a Palavra que tantas vezes transtorna seus projetos de vida, punge-lhe o coração, mergulha sua alma na perturbação, na ansiedade, na incompreensão. Maria observa fielmente essa Palavra, encarnando-a em sua vida. É *a serva* de Javé, previamente de acordo com a vontade do seu Senhor.

Atraente, sua personalidade humana. *Calma e serena*, dialoga com Deus e com os homens; questiona e responde oportunamente. Com *abertura de espírito*, ela sabe ler os sinais dos tempos, e não vacila em aceitar a mudança, a novidade, o inesperado. *Dona dos próprios sentimentos*, não se deixa empolgar por aquela notícia capaz de tornar louca de entusiasmo qualquer mocinha judia de seu tempo: a maternidade messiânica. Maria espera, reflete, pondera, faz objeção, pede mais luzes. Uma vez, porém, que se certifica da vontade de Deus, entrega-se confiante à missão proposta, crendo que Deus é o Senhor do impossível, e abandonando-se à ação do Espírito Santo. Quantos valores humanos no consentimento lúcido, livre e amoroso de Maria à Encarnação!

(Circular *Um Novo Espaço para Maria*, pp. 51-52).

6. Retrato de Maria (continuação)

Humaníssima em todo o seu ser e no agir, *alegra-se* com os que gozam, e se compadece com os que sofrem ou estão para ter alguma necessidade premente. E *essa compaixão é operante*, levando-a a colocar-se ao serviço de uns e de outros. Previdente, delicada, humilde, modesta e generosa, Maria sabe traduzir sua imensa caridade em gestos de amizade e de ajuda fraterna. É-nos fácil imaginá-la sorridente e simpática, afável e acessível a todos. *Sua presença dava a alegria de viver*; sua palavra comunicava a paz do Senhor e, em alguns casos, *atraía o Espírito*

Santo sobre os seus interlocutores, pois ela mesma trazia sempre o Verbo de Deus no coração, após tê-lo trazido, durante nove meses, em seu seio virginal. Apesar de tudo, Maria é *mulher de silêncio*, recolhida, oculta, quase desconhecida, vivendo como tantas outras em sua cidadezinha de Galiléia, ou entre o povo em Jerusalém, ou ainda quase anônima, em meio dos discípulos de seu Filho... *Toda a sua vida está concentrada na contemplação da Palavra e dos sinais de Deus, bem como no amor maternal a Jesus e à humanidade...* Até o fim de seus dias prosseguirá, então, na peregrinação de fé.

Uma fé que com ser humilde, nem por isso é menos lúcida, luminosa: fundamenta-se, verdadeiramente, *na simplicidade de Maria* e em seu trato materno com Jesus. De coração tranqüilo e agradecido, Maria aceita as superações a que seu Filho convida amiúde com palavras que soam o tom rude dos oráculos messiânicos e que, aos poucos, a vão introduzindo no mistério da Cruz. Mas foi no Calvário que Maria experienciou o maior despojamento que se pode pedir a uma mãe: sob a palavra de Jesus, trocar sua maternidade carnal e humana por outra espiritual e universal. (Circular *Um Novo Espaço para Maria*, pp. 52-52).

7. Na carne tomada de Maria havia a semente da cruz

Ao dar-lhe nossa carne passível e mortal, Maria comunicou *ipso facto* ao Filho de Deus a necessidade intrínseca de morrer; trazendo-O ao mundo, coloca-O no caminho que levava necessariamente para a Cruz que, por ser salvífica, seria igualmente pascal. Explico-me:

De acordo com certa filosofia, o homem, lançado na história, vem do nada e vai para o nada. Aos olhos da fé, porém, as coisas não são assim. Viemos de um amor preferencial de Deus, que nos escolheu no Bem-amado e destinou a participarmos da glória eterna de seu Filho. Sobretudo o Cristo não veio do nada, Ele que existia desde sempre “no seio do Pai”. Enviado por este Pai, encarnou-se, por obra do Espírito Santo, nas entranhas de Maria, e se fez homem. Ora bem, a humanização do Verbo concerne a todos os homens, cuja sorte eterna dele depende.

A Encarnação é Deus tornando-se carne, Deus entrando na História, Deus assumindo nossa temporalidade, nossa mortalidade. Repitamos, a morte não sobrevém a Jesus por causas extrínsecas, pela vontade dos homens, nem mesmo por algum decreto exterior lavrado por seu Pai que o teria entregue a um

pretense sacrifício expiatório. Absolutamente não. Sua encarnação já continha, naquela carne tomada de Maria, a semente da Cruz....

O Calvário será a plenitude de Nazaré e de Belém, assim como a Ressurreição constituirá o remate e o coroamento normal e necessário da morte na cruz. Pois se o Cristo não ressuscitasse, como permaneceria sua encarnação? Que sentido teria sua solidariedade redentora com os homens votados à morte e indigentes de ressurreição? (Circular *Um Novo Espaço para Maria*, pp. 59-60).

8. O reflexo da circular numa revista

E quando se trata da piedade marial, que podemos dizer desse monumento erguido a Nossa Senhora com a Circular *Um Novo Espaço para Maria*? Aqui o coração do Irmão Basílio rompe os diques e lança aos quatro pontos cardeais o amor que estava no seu coração para com a divina Mãe a fim de que inunde com suas águas frescas todos os recantos do Instituto.

Aqui nos vemos todos comprometidos. Ele quis que seus Irmãos participassem na composição desse hino universal à Virgem Maria. Sobre seu escritório de Superior chegam cartas em todas as línguas para dizer: “Eu também quero participar desse concerto; imprima meus sentimentos por Nossa Senhora, não me deixe à margem dessa bela Circular; eu também tenho algo a dizer para a honra e para a glória de minha Mãe”.

Essa, sim, é uma Circular coletiva. Nosso chefe a estruturou, deu-lhe corpo, mas nós também lhe demos vida, depositamos nossa flor aos pés de Nossa Senhora, adornamos sua imagem e nos sentimos felizes desse canto universal à Virgem, interpretado pelos filhos de Marcelino Champagnat, sob a batuta mágica do Irmão Basílio Rueda. (*Madrid Marista*, número especial, dezembro de 1985, p. 9).

2

BASÍLIO E O PADRE CHAMPAGNAT

2.1. Um outro Champagnat

Um livrinho de uma centena de páginas, que oferece depoimentos sobre Basílio e excertos de seu pensamento, traz como título: *Basílio, outro Champagnat*.³⁵ O título não foi dado para fazer bonito, mas porque há realmente muitos pontos comuns entre Basílio e Marcelino. De certa forma, Basílio foi uma versão atual de Marcelino. Isso supõe a compreensão em profundidade do Fundador, de sua pessoa, seu pensamento, seu carisma, sua missão e, sob outro ângulo, a aptidão para medir a grandeza de ser educador: promotor de vida, de fé e humanidade junto aos jovens. A 6 de junho de 1981, por ocasião do encerramento do Ano Champagnat, Basílio faz, em La Valla, uma conferência em que mostra bem como ele compreende Marcelino em profundidade e nos ajuda, por isso, a admirá-lo: “Champagnat é homem que sabe escutar dinamicamente, ... um coração em que ressoam as vozes da ignorância religiosa e o clamor de uma pedagogia deficiente, ... um grande artista espiritual que sabe sondar os corações, ... um formador de discípulos, ... que sabe comunicar o sentido da Igreja, ... É homem que nos lança apelos profundos para a ação... Ser fiéis a Marcelino é ser fiéis à convicção profunda que as situações dramáticas do mundo nos desafiam a darmos resposta pronta e de valor”.³⁶ Basílio fizera sua a alma do Fundador.³⁷

2.2. Pontos de semelhança

Os pontos de semelhança são muitos. O primeiro é a certeza que os acompanha, por toda a vida, *de serem amados por Deus e pela Virgem Maria*. É uma experiência que os dinamiza para o dom total de si mesmos e para uma vida de

³⁵ *Basílio, outro Champagnat, Testemonhos e Testemunhas*, Roma, 13 de fevereiro de 2002.

³⁶ *Quemar la Vida*, p. 210-213.

³⁷ Algumas páginas são propostas no final desta reflexão.

grande intimidade com Deus e a Boa Mãe. É, por assim dizer, o seu motor interior. Dessa intimidade com Deus e da força que lhes advém daí, nasce a convicção de que *a oração é o ponto capital*, e ambos vão lembrá-lo com insistência aos Irmãos para que também eles se dessedentem nessa fonte de energia e de amor inesgotável. Ambos vivem *igual paixão pela vontade de Deus* que é busca amorosa do querer de Deus e disponibilidade total. Sua obediência é nova cada dia, ela é mais que um voto, é uma vida. Marcelino estava pronto a renunciar aos Irmãos, se Deus lho pedisse claramente; Basílio aceitou como vontade de Deus sua reeleição, mesmo que ela fora descartada de suas previsões. Numa palestra aos Irmãos, disse que, se as circunstâncias o exigissem, estava pronto para sacrificar a Congregação – que ele amava visceralmente – pelo interesse da Igreja.³⁸ Quando Basílio fala da obediência de Champagnat, revela também sua convicção profunda: “Ter o senso de Deus, do jeito de Marcelino Champagnat; ter sua paixão pela glória de Deus, a atenção e o respeito por sua presença – pela presença eucarística especialmente – a confiança na sua ação, a convicção de sua primazia sobre todas as coisas e sobretudo o amor da sua vontade e a docilidade para cumprir essa vontade como objetivo único nos acontecimentos pequenos ou grandes”.³⁹ Dessa certeza de serem amados, ambos tiram *certa liberdade humanizante*. Marcelino é libertado dos rigores e dos terrores jansenistas: a formação que dá aos Irmãos insiste sobre a paternidade de Deus, sobre a alegria de ter Maria por Mãe. Basílio procura libertar a Congregação de certo formalismo na oração e o dever a cumprir, para substituí-los por um espírito mais evangélico, uma oração mais lenta, mais verdadeira, mais ligada à vida, e esta dinamizada pelo amor. Em todo o caso, para Marcelino Champagnat e para Basílio, resulta daí *uma vida unificada* ou, como encontramos escrito numa frase inflamada: “Uma existência absorvida, unificada e transformada em proveito do único Senhor!”.⁴⁰ Na terceira conferência que fez aos capitulares de 1985, sobre o tema da Espiritualidade Apostólica, Basílio volta seguidamente sobre o Padre Champagnat. Entre outras reflexões que se estendem por três páginas, escreve: “O amor era o segredo da vida notavelmente robusta, ao mesmo tempo contemplativa e apostólica de Marcelino Champagnat, que vivia continuamente na presença de Deus e que ardia de fogo apostólico, primeiro na sua paróquia e, mais tarde, na sua Congregação”. Em Basílio essa vida absorvida, unificada e

³⁸ Afirmação presente no depoimento de Jesús Bayo Mayór, em outubro de 2002.

³⁹ Conferência sobre *a Espiritualidade Apostólica*, p. 13, retiro do Capítulo Geral de 1985.

⁴⁰ 1980, *O Ano Champagnat*, p. 172.

transformada no serviço do único Senhor se cristaliza no seu ideal: “*Queimar a vida por Cristo e queimá-la pelas duas pontas*”. Um mês antes de sua morte, confessa a seus amigos que o ideal chega ao seu fim e a chama está prestes a se apagar.

Vimos os vínculos de Basílio com *a Boa Mãe*; estavam na trilha dos de Marcelino: o mesmo amor simples, denso, o mesmo zelo para fazê-la conhecer e amar. Na sua última conferência como Superior-Geral, sobre a Espiritualidade Apostólica, ele se detém em algumas páginas a contemplar o amor e a confiança de Marcelino pela Virgem: A espiritualidade de Marcelino Champagnat, a mais cristocêntrica do grupo dos primeiros maristas – como diz o Padre Coste – é inegavelmente muito marial... Nisso não há nada que deva nos surpreender. Como diz um teólogo da Escola Francesa de Espiritualidade do século XVII, “Maria é o sacramento da ternura maternal de Deus”. Alguns parágrafos mais adiante, ele lembra a carta que Marcelino escreveu a Dom Pompallier, em 1938: “Maria, sim, somente Maria é nossa prosperidade; sem Maria não podemos nada e com Maria temos tudo, porque Maria tem sempre seu adorável Filho ou nos seus braços ou no seu coração”.⁴¹

O mesmo *amor também por tudo o que é marista*. Para Marcelino era o dom precioso do Espírito, para Basílio o dom precioso do Fundador e de sua família. E esse amor tornava-se *ternura para os Irmãos*, atenção, acolhida, escuta, encorajamento, discernimento. Em Marcelino, cada Irmão tinha um lugar em seu coração: “Vocês sabem o quanto os amo” – dizia. Basílio não media tempo, nem energias, nem dinheiro, quando se tratasse de acolher um Irmão, escutá-lo e consolidar sua vocação. Nesse domínio os depoimentos são muitos; vamos dar-lhes bom lugar no capítulo: Basílio, o Irmão.

Isso, em ambos, vai paralelo com um *senso agudo de responsabilidade* que os leva a fazerem o máximo para que a família cresça sadia e santa e que cada Irmão seja expansivo, portanto oferecer as reflexões, os conselhos, as perspectivas que orientam no sentido do carisma e da vontade de Deus. Conhecemos também *a ambição* de Marcelino: “Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos!”. Podemos dizer que ninguém melhor que Basílio realizou essa ambição do Fundador: seu serviço à Igreja e à Congregação realmente não teve fronteiras. Ninguém tampouco deu à vocação do Irmão a dimensão que ela adquiriu na vida de Basílio. Restam-nos um desafio, um convite a romper os limites que falsas tradições nos deixaram, notadamente um campo de apostolado

⁴¹ Conferência sobre *a Espiritualidade Apostólica*, p. 14-15.

exclusivamente escolar. Ambos estiveram atentos *aos pobres e às missões* e impulsionaram os Irmãos a essas duas fronteiras de apostolado.

Basílio e Champagnat e Champagnat se assemelham também em vários *pontos de seu caráter*. Ambos eram *simples, achegados às pessoas* com as quais viviam; tinham o dom de conquistar amigos e de se fazer amar. Ambos tinham *caráter alegre e otimista* e gostavam de chistes. Ambos se dedicavam facilmente a *trabalhos manuais*. Basílio não será um construtor de casas; tinha tarefa bem mais ampla, mas gostava de lavar a baixela, carregar as malas dos Irmãos, preparar os quartos, varrer, lavar sua própria roupa. Isso permitirá a ambos *conquistarem facilmente amigos*, se afeiçoarem às pessoas e se tornarem confidentes e *diretores espirituais* de muitos.

Essa semelhança é tão-somente esboçada aqui, porque outras páginas darão espaço maior a esse ou àquele aspecto.

2.3. O Fundador nos escritos de Basílio

Em Basílio essa semelhança com Champagnat é um fato de natureza, de graça, mas também de esforço pessoal para compreender o Fundador e assimilar seu espírito. Quando se lêem certas passagens de Basílio, fica-se surpreendido com a acuidade do seu olhar sobre Marcelino. É o efeito da inteligência e da intimidade com o Fundador: o coração assimilou os valores maristas que a penetração intelectual havia captado. Essa impressão não deriva de Circulares posteriores, mas da primeira, escrita em *2 de janeiro de 1968*. Isso nos diz que Basílio chega ao cargo de Superior com o coração totalmente tomado por Marcelino. O quinto capítulo dessa Circular leva como título: *Os Apelos da Igreja e do Fundador*. Com o quanto: *Os apelos do mundo*, constitui a parte mais rica, mais dinâmica, a mais tonificante e moderna da Circular. Basílio reserva quase 200 páginas aos apelos do Fundador.⁴²

Em três outros escritos oficiais Basílio vai fixar o olhar sobre o Fundador e propor-nos a sua visão. Se o faz é porque sabe que Marcelino é o modelo que o Espírito forjou para nós, o homem a integrar para termos o Espírito Marista. Esses três escritos, na sua ordem cronológica, são: *O espírito do Instituto*, em 1975; *Um Novo Espaço para Maria*, em 1976, e *1980, o Ano Champagnat*. Em *O espírito do*

⁴² Alguns extratos serão propostos no fim deste capítulo.

Instituto, após reflexões introdutórias, Basílio se detém em algumas páginas (129-133) para estudar as relações que há entre nosso espírito e o Fundador, depois retoma da página 183 à página 186. Poderia ele falar da humildade, da simplicidade, da modéstia, sem compreendê-las na perspectiva do Fundador? *Um novo espaço para Maria* reserva uma seção inteira, de 399-408, para estudar a presença de Maria na vida de Marcelino. A breve *Circular: 1980, o Ano Champagnat* conta apenas 13 páginas. Foi escrita por ocasião do 25.º aniversário da Beatificação. Entretanto anuncia tudo o que se dirá no momento da Canonização. A Beatificação é a autenticação da santidade pessoal de Marcelino, de seu carisma e do programa de vida e de apostolado que ele traça. Nessas poucas páginas Basílio diz de nosso Fundador coisas bem profundas: “O olhar de ontem e de hoje nos permitiram descobrir nele um Fundador excepcional... Sua força e seu peso se encontram exatamente na sua dimensão ‘doméstica’. Sim, é um homem que foi suscitado por Deus, conduzido por seu Espírito, para fundar, formar, desenvolver e consolidar uma família religiosa. Era essa a sua missão bem específica, e sua personalidade estava à altura dessa missão”.⁴³

A partir do momento em que Basílio sabe que Marcelino é o homem de Deus para nós, não poderá escrever nenhum texto sério sem fazer referência ao modelo. Poderia ele convidar-nos a elaborar um *Projeto comunitário* ou um *Projeto de Vida Comunitária* sem nos pedir que olhássemos o Fundador? Essa presença pode ser em filigrana, discreta, mas constante, como nas Circulares sobre *A Obediência*, *A Vida Comunitária*, *a Prática sobre a Oração*, um bom número de conferências e na sua última Circular: *A Fidelidade*.

Esta nos permite vermos em muitos depoimentos o esplendor do rosto do Fundador no coração dos Irmãos. Basílio queria justamente fazer emergir esse retrato do Fundador, ao mesmo tempo que a graça sempre em ação nas vicissitudes de uma vida religiosa.

2.4. E l’Hermitage?

Era o sonho de Basílio que todos os Irmãos pudessem fazer uma experiência profunda e direta do Fundador e das origens maristas. Seu estalo genial consistirá em fazer de l’Hermitage o santuário marista: lugar de oração, de

⁴³ Circ. 1980: *O Ano Champagnat* p. 176.

contato e de formação. No seu generalato, para os Irmãos que seguem sessões de formação: Segundo Noviciado, Ano Champagnat, os 2 meses da Terceira Idade... estabeleceu-se o costume de passar ao menos duas semanas em l'Hermitage, para se encontrarem nas fontes do espírito marista. Isso foi tão bem aceito que até os antigos alunos maristas e os membros do Movimento Champagnat da Família Marista para lá se dirigem. Hoje a missão essencial de l'Hermitage é ser um santuário marista que acolhe os que pesquisam o espírito das origens.

A partir desse elã inicial de Basílio, e a seu convite, alguns Irmãos vão empenhar-se numa pesquisa mais sistemática do Fundador, de seu espírito e do que o caracteriza: os Irmãos Zind (mas ele havia começado bem antes), Gabriel Michel, Alexandre Balko, Juan María, Frédéric Mc Mahon e, mais tarde, André Lanfrey, Aureliano Brambila, Alain Delorme... Essa iniciativa, Basílio não espera ser Superior-Geral para lançá-la. Ele tinha o costume de ir a l'Hermitage com seus segundos noviços, portanto, desde 1965. Eis um depoimento: “O primeiro contato que tive com o Irmão Basílio foi em l'Hermitage, em junho de 1965. Ele dirigia um Curso de Espiritualidade a um grupo de Irmãos de língua espanhola e portuguesa no El Escorial, e estavam fazendo uma peregrinação naqueles lugares históricos do Instituto. Admirei seu profundo conhecimento da vida do Padre Champagnat e dos primeiros Irmãos e o amor profundo que votava ao Bem-aventurado Padre Fundador e à Congregação. Admirei também seu espírito de família, de oração e de serviço que se manifestavam claramente nessa visita aos lugares históricos, tão ricos de sentido para os verdadeiros filhos do Pai Champagnat... Esse encontro com ele me fez muito bem”.⁴⁴ Nos Anais do El Escorial, de 1965 a 1967, encontram-se muitos depoimentos das peregrinações dos grandes noviços a l'Hermitage, da preparação meticulosa, da estada e do conteúdo, sob a direção de Basílio.

2.5. E o Ano Champagnat?

Conjuntamente ele lançou também esse tempo especial de formação, chamado “O Ano de Espiritualidade Champagnat”, que funcionou durante alguns anos e cujo conteúdo central era o conhecimento do Fundador e a assimilação de seu

⁴⁴ Ir. Albertino Jorge, *El Estilo de una Vida*, p. 37.

espírito, o estudo de seu tempo, seu trabalho, suas cartas, seu tino em formar os Irmãos.

É um pouco dessas duas iniciativas que vai nascer o *Patrimônio Marista*, cuja finalidade é compreender o espírito do Fundador e o quadro histórico das origens, para esclarecer nossa realidade marista. Esse trabalho ajuda os Irmãos a viverem com consciência mais nítida a espiritualidade marista.

Marcelino estará sempre presente, mesmo quando Basílio não será mais Superior-Geral, porque permanecerá formador toda sua vida. Em 1987, sua Província pede para que seja mestre de noviços; depois é a Congregação, em 1990, que lhe suplica de assumir a responsabilidade de formar os formadores, os futuros mestres de noviços. Terminada essa tarefa, ele se reencontra, no México, mestre de noviços das duas Províncias que haviam unificado seu noviciado. Durante esse período, também o Irmão Charles Howard, seu sucessor, pede-lhe que lance, organize e dinamize a Família Marista no México. Um formador não pode sê-lo senão por assimilação do espírito do Fundador. Basílio é o caso típico.

Este paralelo entre Marcelino e Basílio não quer significar que a semelhança seja total. Estamos em presença de duas personalidades típicas: Basílio mais intelectual, Marcelino mais dotado para tudo o que é prático; Marcelino de constituição robusta, Basílio de saúde mais frágil; Marcelino, o fundador, o homem das origens; Basílio, o discípulo que procura conhecer e valorizar as origens para um mundo bem diferente; Marcelino o homem da campanha e da França, Basílio o homem da cidade e do mundo; Basílio é um Champagnat que cresceu. Marcelino pode reconhecer em Basílio um verdadeiro filho, seu retrato de hoje.

TEXTOS

1. Quem foi Champagnat?

Quem foi Champagnat? Um homem que soube escutar de maneira dinâmica e eficaz os apelos de seu entorno e de seu mundo. No coração aflito do Padre Champagnat ressoa a voz da ignorância religiosa com a série de bloqueios: inibições e frustrações pessoais e sociais que isso acarreta.

A seus ouvidos sobe o clamor de uma pedagogia deficiente, isto é, de maneiras desastradas de abordar as crianças e os jovens, com as seqüelas de lesões e insucessos educativos daí decorrentes.

Marcelino escutou os gritos da marginalização rural. Soube olhar as necessidades e a elas se dedicar de corpo e alma para remediá-las.

Marcelino soube multiplicar a resposta. Foi um eco escutado por aqueles que seriam seus discípulos, seus companheiros na Sociedade de Maria e na sociedade civil. Grande artista espiritual, soube sondar os corações e adivinhar, com ouvido apurado, o murmúrio de Deus na alma dos jovens para convertê-los em colaboradores de sua aventura apaixonante.

Enfim, soube formar seus discípulos, e que discípulos! Se consideramos a matéria-prima de que se serviu, é preciso convir que os resultados não poderiam ser melhores. Desses jovens camponeses, quase analfabetos, fez em poucos anos e quase sem recursos, pedagogos intuitivos, educadores respeitados nas aldeias. (*Lumière et flammes d'une vie: Frère Basilio Rueda*, p. 233).

2. Olhares sobre a pedagogia de Marcelino

Marcelino suscitou uma nova pedagogia. Nova pela cordialidade que mostra, mais do que pelos elementos de novidade que ela aportava, que, entretanto, não faltavam.

Essa pedagogia põe o coração de acordo com o que é transcendente; ela faz viver na presença de Deus, na amizade de Jesus, na relação filial com Maria, e tudo isso com tanta naturalidade que esses seres invisíveis vêm inserir-se no quadro de vida das crianças. Essa pedagogia formava ao amor do bem e dos valores, mais que à idéia de pecado e de não-pecado.

Ela formava ao sentido social. A preocupação de formar bons cidadãos e colaboradores devotados nas tarefas sociais era permanente no Padre Champagnat. Preguiça e egoísmo ele quer bani-los da Pedagogia Marista.

Os meios para chegar a esses resultados são ao mesmo tempo simples e muito eficazes: presença contínua, amor profundo e ordenado, atenção, paciência e confiança, previsão, vida-com, bom exemplo, acolhida sobretudo dos que sofrem, dos que ficam para trás.

Marcelino Champagnat foi um homem que teve de transmitir um grande senso da Igreja e que soube fazê-lo. Como nos é difícil fazer a síntese de tudo isso e manter o equilíbrio! A dialética nos agita à direita e à esquerda, e estamos à mercê desse balanço. (*Lumière et flammes d'une vie: Frère Basilio Rueda*, pp. 233-234).

3. Um poderoso apelo à ação

Num mundo em que surgem apelos tão numerosos: o grito da fome, a violência, a injustiça, a droga, o desemprego, num mundo em que muitos de nossos contemporâneos se sentem empanturrados de bens materiais e, apesar disso, insatisfeitos devido à sua passividade perante o paternalismo de certos governos que matam o senso da iniciativa, *esse homem, Marcelino, nos lança um poderoso apelo à ação...*

Na aurora de uma era planetária em que as formas da sociedade estão em crise ou, pior ainda, em “xeque-mate”, em que a infiltração da informação e da conscientização oferece uma desproporção com a realidade que é flagrante e dolorosa, há um perigo ainda maior que nos espreita: o perigo de ver uma sociedade que diga a Deus: “Não necessitamos de Ti para ser bons e para organizar nossa história”. Perante essa situação, devemos ser um Champagnat coletivo que se mobiliza com coragem para enfrentar esse tipo de situação

Ser fiéis a Marcelino é ser fiéis à convicção profunda de que as situações angustiantes do mundo nos empenham a darmos uma resposta pronta e corajosa. (*Lumière et flammes d'une vie: Frère Basilio Rueda*, pp. 234-235).

4. Marcelino, o formador

Provavelmente poucas coisas terão definido melhor o Beato Champagnat do que a sua capacidade e estilo de formar homens à vida religiosa; foi essa sua paixão, seu desejo veemente de reunir filhos espirituais capazes de continuar e

levar a termo a sua obra. Lendo-lhe a vida ou as biografias dos primeiros Irmãos, não se sabe o que mais admirar, se o vigor e a plenitude de valores humanos que soube forjar neles, se a intensa vida espiritual, a docilidade à vontade divina, a fome de intimidade com Deus e a generosidade de resposta que conseguiu inspirar-lhes...

Foi sobretudo a indomável vontade de levar adiante o que entendia ser uma obra querida por Deus e, em conseqüência, a percepção claríssima e perfilhada do tipo de homem e religioso educador que essa obra exigia, o que lhe fez intuir os métodos e processos, a estrutura que devia dar àquele primeiro noviciado, o tipo de doutrina com que devia alimentar aquela nascente espiritualidade; numa palavra, a política de promoção, formação, seleção e conservação das vocações... Para formar os Irmãos, nada de outros meios pedagógicos que as dificuldades e as contradições, a pobreza e o trabalho, os incômodos e as repreensões, num ambiente de alegria, aceitação simples e espírito de família; porém tudo isso, sim, com a imensa riqueza da confiança total em Deus, de uma intensa devoção a Maria e o exemplo de um Pai que encorajava e tornava palpável e real, por sua maneira de viver, a vida religiosa e a vida marista, na plenitude do serviço de Igreja, tal e como ele a tinha concebido. (*Apelos do Concílio ao nosso Capítulo Especial*, pp. 467-468).

5. Marcelino, o formador (continuação)

Não creio que a época da pós-Revolução Francesa, que coube ao nosso Fundador viver, com todas as inquietações e fermentos de rebeldia, mudança e renovação semeados pela Revolução e o liberalismo reinantes, tudo isso unido ao naturalismo de Rousseau, cujas teorias, levadas até as últimas conseqüências, tinham inspirado as concepções políticas anteriores e estavam dando seu amargo fruto, não creio, digo, que aquela época fosse mais favorável que a de hoje ao chamamento evangélico de seguir a Cristo pobre, obediente e casto, ou mais permeável a sentir-se comprometida com as necessidades urgentes daquela hora...

O Concílio convida-nos a voltar as vistas para o Fundador e a renovar-nos no seu espírito. Como primeira e urgente tarefa temos que redescobrir a sua maneira eficaz de formar religiosos, o seu segredo educativo: ele soube dosar a disciplina que forja os caracteres, com a sã liberdade que amadurece em responsabilidade; unir a compreensão paciente e o alento, com a exigência

graduada; aceitar as limitações de cada um, sem deixar por isso de o estimular a caminhar; soube escutar, acolher, adaptar-se aos ritmos de cada caminhante; porém, acima de tudo, teve a arte de semear as almas de esperança, de entusiasamá-las nas horas difíceis da tentação e desalento, aceitando leal e honestamente a dureza do caminho escolhido, tanto como a permanente presença da graça e da ajuda de Deus. “Custa viver como bom religioso, porém a graça suaviza tudo”. E todo esse trabalho, toda essa habilidade de artífice de Deus, são banhados na luz da graça com uma referência constante aos valores da fé, ao dom sobrenatural, a um vigoroso sentido escatológico.

(Apelos do Concílio ao nosso Capítulo Especial, pp. 469-470).

3

BASÍLIO E A IGREJA

3.1. “Sentire cum Ecclesia” e mistério da Igreja

Sentire cum Ecclesia, eis o que exprimiria o fundo da alma de Basílio, quando se trata de olhá-lo no seu relacionamento com a Igreja. Esse *sentire cum Ecclesia* exprime um fato de pertença, de filiação, também de responsabilidade, mas, antes de tudo, de acolhimento do mistério da Igreja, como Corpo de Cristo, povo de Deus, criação de Deus. De fato, é viver na Igreja, nesse meio que somente ele permite a união profunda e dinâmica com o Senhor. Falando da Igreja, ele se exprime a um tempo como filho e como teólogo; enquanto filho, proclama sua afeição, sua admiração, usa expressões calorosas; enquanto teólogo, gosta de explorar o mistério da Igreja para apresentá-lo com clareza. Escreve: “É preciso recordar também que a Igreja é pura transparência, e que os homens, ao contemplá-la, devem poder contemplar o Pai”.⁴⁵ Tal frase, bem válida para o Cristo, favorece a crítica daqueles que vêem a Igreja negativamente com suas rugas e pecados; mas os que se apaixonam pelo Cristo e que são verdadeiros filhos da Igreja, acham-na completamente adequada: sem a Igreja, não há transparência do Cristo, e sem o Cristo não há revelação do Pai. A Igreja é como Maria, o lugar da acolhida, da disponibilidade, do amor, da missão. Algumas páginas adiante, ele acrescenta: “Vivemos tempos difíceis: repudia-se a autoridade, a mediação, a imperfeição. Ora, a Igreja real, a Igreja histórica, é hierárquica, mediadora e imperfeita, porém insubstituível; urge uma educação dos Irmãos, e por eles, dos futuros cristãos adultos de amanhã, para que sejam capazes de viver, ao mesmo tempo dinâmica e docilmente, sob um regime de Igreja”. Sempre refletindo sobre o mistério da Igreja, escreve: “Toda instituição corre o risco de envelhecer... No curso dos séculos, há poucas estruturas humanas que tenham escapado a essa lei. Mas isso não acontece com a Igreja. Sujeita às leis sociológicas por seu ser humano, ela não participa menos, analogicamente, do ser teândrico de seu Chefe, a ponto de poder afirmar, sem

⁴⁵ Circ. 2 de janeiro de 1968 *Apelos da Igreja e do Fundador ao nosso Capítulo Especial*, p. 347.

cair no panteísmo, que ela tem em si mesma a presença do divino e é animada pelo Espírito Santo. Condicionada e transcendente ao mesmo tempo, ela se adaptou ao tempo como também ao espaço. Cada idade, como afirma o Cardeal Suhard, lhe emprestou sua ‘estrutura’ e sua ‘fisionomia’. Ela está certa de ser fiel ao Cristo, seu esposo, mas sem estar por isso isenta dos riscos e das vicissitudes da fidelidade a todas as épocas”.⁴⁶ Em outras passagens, ele gosta de ver a Igreja como a casta “prostituta”, porque ela deve continuamente levar os homens do pecado à santidade do Cristo.

3.2. A experiência do Mundo Melhor

Uma das causas primeiras desse amor ativo e místico pela Igreja lhe advém, sem dúvida, da experiência de cinco anos que viveu a serviço do Mundo Melhor, 1960-1965. Essa experiência pô-lo em contato direto com os homens de Igreja: cardeais, bispos, sacerdotes, pessoas consagradas, leigos engajados, cujas responsabilidades eram de nível nacional, diocesano, paroquial ou de movimentos de Ação Católica. Basílio desperta as consciências desses homens de Igreja sobre suas responsabilidades políticas no domínio da justiça, da paz, da verdade para com a nação. Os encontros eram da ordem do diálogo, da mudança e, pois, da tomada de consciência dessas responsabilidades e desses problemas. Mas também foi uma situação de formação, pois que ele teve de pregar retiros ou fazer conferências a essa gente. Como sua experiência se estendeu a países, como o Equador, a Colômbia, Venezuela, Chile, Peru, Guatemala, El Salvador... ele ficou tendo uma visão universal da Igreja e avaliou sua catolicidade. Digamos que conseguiu fugir do setor estreito da Igreja em que trabalha nossa Congregação Marista, que é o mundo dos jovens e que, muitas vezes, a vida limita a um colégio... Que esse setor é precioso, importante no povo de Deus, Basílio o reconhece muitas vezes, mas implica o risco de ter apenas uma visão parcial da Igreja, do que ele tem plena consciência. Essa experiência do Mundo Melhor pôs a sua inteligência e seu coração perante a natureza, a missão e a responsabilidade da Igreja Católica, e esta lhe deu um coração e um espírito universais que não o deixarão mais.

⁴⁶ Circ. 2 de janeiro de 1968, pp. 123-124.

3.3. Superior-Geral e membro da Conferência dos Superiores Maiores

A universalidade da Igreja Basílio vai vivê-la ainda, graças a duas outras oportunidades: a primeira, como Superior-Geral: deve viajar, visitar muitos países, encontrar-se com bispos, párocos, comunidades e escolas que representam situações bem diversas. É verdade que ele fica sobretudo com os Irmãos, mas sua experiência e sua inteligência o conservam aberto ao mundo e à Igreja que visita. Os arquivos conservam documentos que provam que Basílio se informava antes de visitar um país. Procurava dados geográficos, econômicos, políticos, religiosos nos quais encaixava a situação marista. E sabemos que ele viajou muito e gostava de encontrar-se com as pessoas, sobretudo as da Igreja, mas no mundo latino-americano também com os políticos. Às vezes, nessas viagens pela América Latina, o Vaticano lhe confiava missão especial na qualidade de representante da Comissão Pontifícia para a América Latina, no seio da União dos Superiores Maiores.⁴⁷ A outra abertura sobre a Igreja é sua participação ativa na União dos Superiores Maiores. É um ponto de vista precioso para ver como evolui a Vida Religiosa nas diversas Congregações e nas diferentes partes do mundo. Essa Vida Religiosa está sempre ligada à da Igreja. Nessa União dos Superiores Maiores, testemunhos afirmam que, muitas vezes, se adotava o ponto de vista do Irmão Basílio, exatamente porque, na sua grande experiência de Igreja, dava provas de seu senso eclesial. O Padre Camille Maccise, Superior-Geral dos Carmes Déchaux, vê assim o Irmão Basílio: “Durante muitos anos serviu sua Congregação com fidelidade e amor, a Igreja com dedicação incansável, e a União dos Superiores Maiores com afeição e interesse. Sua disponibilidade ficou gravada nos corações de todos os que o conheceram”.⁴⁸ Outro Superior-Geral, o Irmão Teodoro Barzal, diz dele: “Seu espírito aberto, pronto ao diálogo e achegado a todo o mundo, foi apoio e garantia para todos os que desejavam verdadeira renovação da Vida Consagrada, seguindo as orientações da Igreja, nas circunstâncias atuais do mundo”.⁴⁹

É também a opinião de outro Superior-Geral de seu tempo: “Muitas vezes seus pontos de vista se tornavam doutrina e eram retomados não só nas reuniões, mas também nos documentos de vários Institutos, como referências seguras. Pode-se afirmar sem medo de errar, que a Irmão Basílio, tanto por seus escritos,

⁴⁷ Circulaires, Volume XXV, 1968-1974, p. 25, *lettre du Fr. Quentin Duffy*, 8-12-1969.

⁴⁸ *El Estilo de una Vida*, p. 105.

⁴⁹ *El Estilo de una Vida*, p. 105.

como por sua presença ativa e única entre nós, foi um dos guias mais ouvidos e equilibrados dos anos de renovação, não apenas em seu Instituto, mas para o conjunto da Vida Religiosa”.⁵⁰ O Padre Manuel Portillo é certamente uma testemunha de escol, porque trabalhou muito com o Irmão Basílio. Sobre o amor que Basílio votava à Igreja, escreve: “Ele foi na Espanha e na América Latina o pioneiro do *Projeto de Vida Comunitária*. Pensou-o para os Irmãos, mas também para os outros religiosos. Sobre esse tema deu conferências nas Semanas de Vida Religiosa, a Capítulos e Comunidades. Foi um serviço à Igreja. O Irmão Basílio não se limitava à família marista. Abria-se às fronteiras do mundo que precisava salvar. Aconselhava aos Irmãos as três dimensões da Igreja que o Padre Champagnat ensinava: a paróquia, a diocese, a Igreja universal”.⁵¹ Eis aqui um parágrafo extraído do depoimento do Irmão Jesús Bayo Mayor: “Eu quero destacar seu senso eclesial, vastíssimo, e seu amor à Igreja e a seus representantes. Sua amizade com os Padres Arrupe e Rotondi impressionou-me. Ambos morreram durante nosso Curso de 1990-1991. Ele os visitou várias vezes quando estavam doentes, e assistimos aos seus funerais. Quando o Papa nos recebeu em Castelgandolfo, o Irmão Basílio nos explicou o senso eclesial da visita ao sucessor de Pedro. A mesma abertura ele mostrou quando fomos celebrar a Eucaristia em Santa Maria Maior, dizendo que iríamos ali como maristas, mas que a Igreja inteira é marial desde suas origens”.⁵² Muitas vezes era convidado para dar conferências e retiros a ambientes os mais diversos e particularmente a Congregações femininas. Isso também lhe oferecia oportunidade suplementar de estar em comunhão com a Igreja e ter gestos de Igreja de grande delicadeza. Assim, no decorrer do Sínodo sobre a Família teve ocasião de encontrar-se com Madre Teresa. Desse encontro originou-se uma carta que ele mandou a toda a Congregação: “Tive a ocasião, no Sínodo, de encontrar Madre Teresa de Calcutá e de dialogar longamente com ela. Senti-me interpelado pela vida dessa mulher inteiramente doada ao Evangelho e quisera estabelecer um contato permanente entre nossa congregação e a obra que ela realiza, porque se um grupo humano é dedicado aos mais desfavorecidos, penso que é o dela. Permitti-me, pois, enviar-lhe o livro de nossos Endereços para o caso em que suas viagens a levassem a ter necessidade de ser acolhida ou receber tal ou tal informação, ou ser necessário um contato com tal ou tal

⁵⁰ *FMS-Message*, n.º 19, maio de 1996, p. 37, Pier Giordano Cabra, FN.

⁵¹ *El Estilo de una Vida*, pp. 58-59.

⁵² Testemunho deixado a 7 de outubro de 2002, ao passar por Roma.

pessoa, ou, enfim, receber alguma ajuda”.⁵³ Nos arquivos muitas cartas testemunham a gratidão de Congregações, sobretudo contemplativas, que receberam substancial contribuição da parte do Irmão Basílio.

3.4. Auditor⁵⁴ e Consultor⁵⁵

A Igreja reconhecerá a experiência eclesial de Basílio, pois que o convidou a ser *Auditor* no Sínodo dos Bispos sobre a Família,⁵⁶ em 1980, e lhes falar. No decorrer desse Sínodo foi também convidado pelo Papa para um almoço de trabalho com outros auditores. Esse Sínodo foi para ele uma ocasião de considerar a Congregação para ver que lugar ela reservava ao apostolado da família, de preparação à vida de família. Convidou os Irmãos para esse apostolado. Outro gesto de Igreja: a 3 de maio de 1995, Basílio foi nomeado *Consultor* da Congregação para todos os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. O Cardeal Martínez Somalo Eduardo, à morte do Irmão Basílio, passou um telegrama de condolências em que diz: “Agradecemos ao Senhor por Ele vos ter dado um Irmão que foi ‘fiel administrador dos bens de Deus’, verdadeiro discípulo de Cristo na sua Igreja”.⁵⁷ O Padre Cipriano Calderón, da Comissão Pontifícia para a América Latina, apresentando suas condolências, lembra: “Vivi com ele quando trabalhamos juntos com o Padre Ricardo e pude admirar o imenso trabalho eclesial como Superior-Geral do Instituto. Nessas funções realizou uma imensa obra evangelizadora e eficaz a serviço da América Latina. Por isso, e como Vice-Presidente desta Comissão Pontifícia, agradeço a Deus o dom que Ele fez à Igreja na pessoa desse Irmão...”.⁵⁸

⁵³ Carta de 11 de novembro de 1980.

⁵⁴ Auditor, o texto relatado no fim do capítulo explica bem esse papel.

⁵⁵ Um Consultor é um tanto especialista na matéria e trabalha tanto para preparar documentos como sínodos, no quadro da Congregação dos Religiosos.

⁵⁶ Ver carta de convite, p. 92.

⁵⁷ *El Estilo de una Vida*, p. 105.

⁵⁸ Envelope de Condolências.

3.5. No tempo que sucede ao Vaticano II

Um segundo aspecto se enxerta sobre essa larga experiência da Igreja: o período durante o qual Basílio trabalhou fora de nossa Congregação corresponde ao do Vaticano II. Período de forte assimilação dos documentos conciliares, pois que um de seus trabalhos consistia exatamente em sensibilizar as Igrejas que visitava e, sobretudo, as do Equador, sobre os documentos conciliares e fazê-los passar no coração e na vida das pessoas de Igreja. O Irmão Raul Coral Burbano, que conheceu o Irmão Basílio e colaborou com ele durante oito meses no Mundo Melhor, entrevistado quando da nomeação de Basílio para Superior-Geral, respondeu assim à pergunta: Qual foi a parte do Irmão Basílio na pastoral das diversas repúblicas americanas?

“A esse respeito a nação mais favorecida foi, sem nenhuma dúvida, o Equador, porque o Irmão trabalhou lá durante vários anos. Graças a seu trabalho e conforme pude pessoalmente verificar, a pastoral naquela nação abandonou sua maneira envelhecida e de sacristia, que havia vingado durante muito tempo, tornou-se uma pastoral dinâmica, ou, se quiserem dizê-lo com outras palavras, ela se transformou numa pastoral de Páscoa e de Pentecostes. Os bispos escutavam Basílio como um oráculo e seguiam docilmente suas orientações no domínio da pastoral... No Equador, sua presença assinalou verdadeiro renascimento religioso... E o Comitê da Pastoral do CELAM lhe pediu expressamente de planejar a pastoral na Colômbia”.⁵⁹

Voltando aos documentos do Vaticano II, Basílio teve também a ocasião de trabalhá-los e apresentá-los aos quatro grupos de Segundos Noviços que ele teve no El Escorial, de 1965 a 1967. O escrito mais explícito de Basílio para toda a nossa Congregação, sobre os documentos do Concílio, é a quarta parte da Circular de 2 de janeiro de 1968, “*Os apelos da Igreja e do Fundador*”. Consagra 130 páginas para sensibilizar os Irmãos sobre a Igreja e sobre os documentos do Concílio Vaticano II. Desse Concílio Basílio guarda a maior estima. Ele faz a pergunta: “Que é o Concílio”. E responde: “Uma ação extremamente poderosa do Espírito Santo no momento em que era necessário e isso por meio da Igreja. O Espírito Santo fez movimentar, sacudiu a Igreja em nível de teólogos e em nível da base, em nível de leigos e profetas assim como em nível de pastores. Para terminar, toda essa fermentação na Igreja tomou forma num Papa, se

⁵⁹ Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1192.

quiserem, genial”.⁶⁰ Já havia escrito: “O Concílio Vaticano II, o verdadeiro Concílio Vaticano, não o de certos jornalistas, foi uma das mais recentes e mais notáveis ações proféticas de Deus para com seu povo”.⁶¹

A esse Concílio Basílio reconhece uma função doutrinal, uma função de conversão e uma função pastoral.

3.6. Antes da Congregação, a Igreja

Sabe-se também como ele estabeleceu as prioridades. Se fosse preciso ir a uma escolha absoluta entre a Igreja e a Congregação dos Irmãos Maristas, da qual era Superior-Geral e que amava apaixonadamente, sua escolha recairia sobre a Igreja, fundada pelo Senhor, animada pelo Espírito Santo, povo universal de Deus, sacramento para o mundo inteiro. Todas as Congregações ele as olhava como “fragmentos do mistério eclesial” e que têm sentido apenas por sua vida na Igreja e ao serviço da Igreja.⁶²

O Ir. Jesús Bayo Mayór relata esta lembrança do seu tempo de formação, como mestre de noviços em 1990-1991, sendo Basílio o primeiro responsável: “Lembro-me que, numa de suas palestras, o Irmão Basílio disse: ‘A Congregação que eu mais amo é a minha, mas se na Igreja uma das Congregações devesse desaparecer para o bem dessa mesma Igreja, eu estaria disposto a que fosse a nossa, antes de qualquer outra. Embora todas as Congregações sejam importantes e ornamentem a Igreja como uma esposa, a nossa é menos necessária que muitas outras’. Essa afirmação surpreendeu-me pelo seu senso eclesial e a humildade que refletia”.⁶³ Em contrapartida, Basílio está bem consciente do perigo que espreita as Famílias Religiosas de encontrarem, em si mesmas – no seu carisma, suas comunidades e campos de apostolado – seu universo que esquece o conjunto do Corpo Místico de Cristo. Às vezes esse universo não é mais do que um Colégio, tudo fazendo para garantir sua fama. Eis como Basílio pinta o perigo: “*Sentire cum Ecclesia*, eis o apelo central do Concílio. Para cada religioso existe o perigo de não sentir com a Igreja, de não amar a Igreja, de pensar que entra em contato com Deus, com seu

⁶⁰ *Llamamiento a la renovación*: um novo mandamento eclesial: a Renovação, p. 1, fevereiro de 1973.

⁶¹ *Circ.* 2 janvier 1968, p. 125.

⁶² 1968 Cf. *Circ.* 2de janeiro de 1968: *Os apelos da Igreja e do Fundador ao nosso Capítulo Especial*, p. 368-369.

⁶³ Testemunho de 7 de outubro de 2002, por ocasião de uma passagem por Roma.

Filho, só através da sua Congregação... O religioso corre o risco de fazer do seu Instituto ‘uma realidade, uma asseidade’ (auto-existência), que lhe torna supérflua a Igreja. Ora, acontece freqüentemente que aquilo que se apresenta como supérfluo não é amado... É por isso que eu quero fazer da descoberta magnífica e amorosa que o Concílio nos trouxe, da grandeza e da humildade, da importância e dos limites da Igreja, o principal assunto desta Circular”.⁶⁴

3.7. O que a Igreja pensa dos Religiosos? ⁶⁵

Analisando os documentos do Concílio, Basílio chega a conclusões interessantes e, para ele, a mensagem do Concílio aos Religiosos pode resumir-se assim:

- 1) *Eu creio em vocês.* Basílio se pergunta se houve jamais na história um Concílio que tenha dito isso com a clareza, a amplitude e a eclesiologia que encontramos no Vaticano II.
- 2) *Vocês são a ponta escatológica da Igreja.* Não a exclusividade escatológica. Toda a Igreja é escatológica... Mas é indiscutível que os religiosos têm um apelo especial para representar a escatologia de maneira mais forte. Vocês são a ponta escatológica da Igreja.
- 3) *A existência de vocês está em relação direta com a santidade da Igreja...* O religioso tem seu lugar na Igreja em função e em relação com a santidade da Igreja. O religioso é uma das formas particulares, direi privilegiada, não a única, da santidade como resposta que obedece, antes de tudo, a uma santidade como dom que, nesse caso, será um carisma.
- 4) *Mas uma reforma é indispensável, e vocês têm necessidade de um Capítulo de revisão para se renovarem.*⁶⁶

3.8. Obediência e respeito à Igreja

Verificando que, após o Concílio Vaticano II, houve em alguns meios um menosprezo em relação ao Papado e também algumas críticas fortes, ele escreveu aos Irmãos: “Há um desprezo para com a adesão ao Papa e, com

⁶⁴ Circ. 2 de janeiro de 1968: *Apelos da Igreja e do Fundador ao nosso Capítulo Especial*, pp. 361-362.

⁶⁵ *Llamamiento a la renovación*, pp. 7-9, fevereiro de 1973.

⁶⁶ *Llamamiento a la renovación*, pp. 7-9, fevereiro de 1973.

menor intensidade, para com a adesão ao episcopado, desprezo que se alastra cada vez mais em alguns lugares. Filhos que somos da Igreja e do Bem-aventurado Champagnat, que devemos fazer? Crer firmemente e reafirmar nossa docilidade e nosso apego inquebrantável ao Magistério”.⁶⁷ Basílio não acha razoável que possa haver Irmãos que se disponham contra o Papa. Escreve: “Os Irmãos propensos a uma desagregação progressiva da sua fé e docilidade eclesiais, especialmente no que se refere ao magistério ordinário e extraordinário da Igreja, abram os olhos e reajam seriamente contra essa tendência que começam a descobrir em si mesmos. Se não estiverem dispostos a isso, creio poder dizer-lhes com lealdade que o seu lugar é fora do Instituto...”.⁶⁸

A Obediência à Igreja é certamente uma das características de Basílio. Essa obediência se manifesta quando se trata de realizar a renovação que o Concílio pede a todos os Institutos Religiosos. Para Basílio é um verdadeiro mandamento que merece o respeito e o engajamento devidos aos mandamentos de Deus. Quer, absolutamente, sensibilizar seus Irmãos para esse mandamento que é para ele “vontade de Deus” e a maravilhosa maneira de se tornar apto para trabalhar no mundo em plena mudança. Em 1972 pregou uma série de retiros na Espanha, sob o título *Chamamento à Renovação*, e o título de uma das palestras é exatamente o *Mandamento Novo da Igreja*.⁶⁹ Os pontos tratados nessa palestra são:

- Novas formas de vida;
- Mudanças são necessárias para viver em espírito e verdade;
- A voz do Concílio: manifestação da vontade de Deus;
- O Concílio convida os religiosos à conversão;
- Quem deve fazer a renovação?
- Como fazer a renovação?
- Ainda são necessárias estruturas?
- Renovação e Tradição.

Mas já antes, na Circular de 2 de janeiro de 1968, ele escrevia a todos os Irmãos e particularmente aos Capitulares que iriam para a segunda sessão, em setembro-outubro: “O processo de assimilação e de aplicação das idéias do Vaticano II em nosso meio especial, em nossas instituições e obras: eis nosso trabalho maior. O Concílio deve, pois, tornar-se para nós algo de concreto e completamente vivo,

⁶⁷ Circ. 2 de janeiro de 1968: *Os apelos de Igreja...* p. 524.

⁶⁸ Circ. 2 de janeiro de 1968: *Apelos da Igreja ao nosso Capítulo Especial*, p. 513

⁶⁹ Possuímos também um documento em francês, vindo do Canadá, na série *Apelo à Auto-superação*, retiros de 1970, intitulado *A Renovação*.

sendo generosamente aplicado à natureza especial de nossa Congregação e ao carisma que ela recebeu de Deus”.⁷⁰ Algumas linhas acima, ele havia escrito: “Esse Capítulo (o de 1967-1968) tem poderes especialíssimos para alcançar um só fim: realizar totalmente o que o Concílio pede e nada mais do que isso”.⁷¹ A obediência de Basílio à Igreja é tão incondicional que ele escreve, em nome da Congregação: “Se amanhã o Magistério nos indicar outro ponto de vista, pode desde já contar conosco como sendo uma Congregação dócil e sempre disposta a caminhar na trilha que nos apontar, apesar de todos os sacrifícios que isso possa implicar. Essa docilidade, com efeito, nos foi transmitida como preciosa herança de nosso Bem-aventurado Fundador”.⁷²

Para que essa obediência à Igreja esteja em harmonia com o espírito do Concílio, Basílio convida os Capitulares a fazerem da Igreja um tema central desse Capítulo de Renovação: “Como esse tema havia sido a chave de interpretação e o coração do Concílio, pareceu-me que seria também o do Capítulo. Para ser o ‘eco marista’ do Concílio, nosso Capítulo deveria procurar seu centro de gravidade, seu critério principal, seu dinamismo e a razão de ser de suas diferentes resoluções, no mistério da Igreja...”.⁷³

3.9. Obediência quer dizer renovação

Essa obediência, que nesse caso se exprime pelo andamento da renovação, carece de um clima espiritual que somente a oração bíblica e a litúrgica podem criar. “A cultura bíblica sistemática e suficiente – diz Basílio – é apenas uma etapa que deve encaminhar à fé, ao amor e à oração”.⁷⁴ O simples estudo corre o risco de ser apenas pura erudição bíblica e fazer de nós “pregadores vazios da palavra de Deus, incapazes de escutá-la no interior”.⁷⁵

Outras páginas falam da importância que Basílio dá à oração comunitária, à oração pessoal, à eucaristia. Nesse contexto da obediência à Igreja, ele escreve a respeito da eucaristia: “A eucaristia, enquanto sacrifício e sacramento, é o ato culminante de nossa comunhão. Todas as outras comunhões, intercomunitárias,

⁷⁰ Circ. 2 de janeiro de 1968: *Os apelos da Igreja e do Fundador*, p. 365.

⁷¹ *Ibid.*, p. 365.

⁷² Circ. 2 de janeiro de 1968: *Os apelos da Igreja e do Fundador*, pp. 355-356.

⁷³ Circ. 2 de janeiro de 1968: *Os apelos da Igreja e do Fundador*, p. 378 e anteriores.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 376.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 377.

desde a simples recreação até a ação apostólica que faz de nós uma comunidade de testemunhas, de serviço e de missão, nascem ou se orientam, conforme o caso, a partir de nossa reunião comunitária em torno do banquete eucarístico. Não é normal nem aceitável que uma comunidade – a não ser por impossibilidade física – renuncie ao encontro eucarístico comunitário e adote uma organização em que cada membro vai à igreja de sua escolha... É certo que isso não provém do Concílio e não representa seu espírito”.⁷⁶

O fruto desse apego à Igreja e da aplicação do Vaticano II, que é uma das formas práticas, será a *renovação* do Instituto. A renovação toca os corações que devem abrir-se ao Espírito, as estruturas, uma nova visão do governo e do apostolado, e ela é suscitada na base através da estrutura nova dos Capítulos Provinciais que podem convocar todos os Irmãos de uma Província e, mais tarde, pelo Projeto de Vida Comunitária em que cada comunidade faz o discernimento da vontade de Deus segundo seu contexto de vida. É o aspecto *conversão* que deve andar em pé de igualdade com a *atualização*, para ser homens de Deus para o homem de hoje.⁷⁷ De maneira mais ampla é uma forte contribuição para uma nova visão da Vida Religiosa em geral e uma necessidade de orientar-se mais decididamente para os *pobres e para as missões*, para o *mundo de hoje* que é o único campo de missão oferecido. Constituirão os grandes eixos da atividade de Basílio como Superior-Geral, no espírito do Vaticano II. Viagens, visitas, relatórios de visitas, retiros, circulares, tudo é orientado no sentido de que os documentos do Concílio penetrem no cotidiano da vida do Instituto e dos Irmãos. O Concílio havia feito um forte apelo à Igreja a tornar-se mais evangélica. Basílio forçava o passo de nossa Congregação para que se pusesse em marcha com essa Igreja mais evangélica.

⁷⁶ Circ. 2 de Janeiro de 1968: *Os Apelos da Igreja*, pp. 384-385.

⁷⁷ Cf. o texto 2 proposto no fim do capítulo.

TEXTOS

1. A voz do Concílio: manifestação da vontade de Deus

O Concílio Vaticano II não é senão um eco do Espírito de Jesus em nosso tempo. Convoca todas as instituições a que se examinem diante do espelho do Evangelho. Faz-nos rezar para pedir a coragem dessa revisão. É preciso vigiar para que essa revisão não seja ocasião de cair no farisaísmo ou de atraiçoar o Evangelho.

Votamos nossa vida à procura da vontade de Deus. Se hoje há uma manifestação da vontade de Deus para os homens, é o Concílio. Não há nenhuma outra forma mais clara de manifestação da vontade de Deus às pessoas de nosso tempo. É preciso reconhecer que o Vaticano II foi uma manifestação pentecostal do querer de Deus no hoje de Deus.

Se, portanto, alguém dentre nós está à procura da vontade de Deus, não pode, sem se tornar ridículo, ir buscar essa vontade de Deus nas pequenezas de sua própria criação, negligenciando o estudo dos documentos conciliares e deixando de conformar a eles seus pensamentos e sua conduta. Porque é preciso que nos lembremos bem de que a infidelidade ao Concílio equivale à infidelidade ao Senhor e ao seu Espírito.

Cumpra também nos lembrarmos de que ao longo da História sempre existiu o perigo de fazer reaparecer formas farisaicas de viver a vida cristã, substituindo o mandamento do Senhor por nossas próprias invenções. Existe também, de outra parte, o perigo de se tornar Saduceus, caindo num liberalismo que faz com que interpretemos subjetivamente as coisas ou consideremos nossos caprichos como sendo a vontade de Deus. O Concílio falou a todas as categorias de cristãos. Falou aos bispos: disse-lhes o que devem ser doravante. Falou aos padres mediante “*Presbyterorum Ordinis*”. Falou aos leigos e lhes disse como devem viver neste tempo. Chamou todo o mundo à conversão. O Concílio falou aos religiosos. (*Appel au dépassement, Retiro de 1970, a Renovação*, p. 2 – Canadá).

2. O Concílio convida os religiosos à conversão

O Concílio falou aos religiosos... “Os religiosos pertencem à essência da Igreja, diz ele. E é por isso que falo deles em *Lumen Gentium*, imediatamente depois do capítulo que trata da vocação universal à santidade”. O Concílio apresenta então os religiosos dentro da Igreja. Dá-lhes sua carteira de identidade, consagra-os cidadãos de direito... Nunca um Concílio, ao longo da História da Igreja, falou dos religiosos como o Vaticano II.

Escutem o que nos diz ainda o Concílio: “Eu creio em seu estado religioso. Vocês são um dom do Espírito Santo à Igreja. Mas, embora reconhecendo seu valor, não creio que realizam atualmente o que deveriam ser. Muito bem vocês fizeram; há muito de bom em vocês; mas lhes faltam muitas coisas para que sejam o que a Igreja espera de vocês. Não apresentam diante do mundo o rosto que deveriam mostrar. Não creio na maneira como realizam hoje sua vocação. É preciso que se convertam para um duplo movimento: *um movimento de autenticidade* – cumpre que sejam vocês mesmos, é preciso que retornem às fontes, isto é, ao Evangelho, ao Fundador. Devem também *atualizar-se*, porque parecem essas velhas damas que se vestiam, no século XX, com roupas do século XV. É preciso que sejam do seu tempo. Precisam de conversão...”.

Encontramo-nos diante de um mandato muito claro da Igreja que exprime a vontade de Deus à qual arriscamos de ser infieis, seja por omissão – não se faz nada, não nos mexemos; seja por recusa – não a aceitamos. Se tal for nossa atitude, devemos deixar o Instituto, porque não temos nenhum direito de parar a locomotiva que o Espírito Santo, através do Concílio, quer pôr em marcha. Não temos o direito de parar a Esposa de Cristo em sua marcha para o *eschaton*... Portanto, o Concílio nos convida à conversão que cumpre traduzir em atos. Trata-se de atos harmonizando os dois movimentos: *autenticidade e atualização*.

Isso deve ser feito com espírito de amor e no amor. Um mandamento novo da Igreja, realizado dentro do novo mandamento do Senhor. (*Appel au dépassement. Retiro de 1970, A Renovação*, pp. 3-4, Canadá).

3. A missão e o carisma

Essa ordem foi dada aos que têm a missão e o carisma.

A missão é o mandato. O carisma significa: as qualidades, as capacidades de poder realizar essa missão de maneira conveniente.

As pessoas que têm a missão e o carisma devem empenhar-se em responder da melhor maneira ao mandato da Igreja. Examinemos um pouco quem são essas pessoas. Realmente tocamos aí numa idéia muito profunda. Trata-se dos *profetas*. Lembrem o que eram os profetas... Eram homens portadores do sopro do Espírito que impediam a religião do Pai e do Filho, que é uma religião de verdade e de vida, uma religião viva, de se transformar num ritualismo e num formalismo vazio...

Ao longo a História da Salvação, o perigo de modificar a religião do Pai foi de todas as épocas. E isso por um duplo movimento: seja criando ídolos, seja transformando uma religião do Espírito em religião material. Pequenas observâncias que estabeleciam na justiça: você pode ser salvo porque cumpriu tal ou tal rito, vocês se purificaram ao lavar as mãos. Então os profetas vinham para recordar ao povo de Deus que isso não era religião...

Eu ficaria realmente aflito e muito preocupado se entre vocês não houvesse certo número de Irmãos que receberam do Senhor o dom de profecia para agir dentro de suas Províncias. Naturalmente, não se trata de adivinhar o futuro, mas de fazer essa purificação que permitirá a sua vida religiosa de tornar-se autêntica. Sem falsificação, ao mesmo tempo que adaptada as tempos atuais. São esses homens que devem de modo mais radical pôr em movimento essa conversão...

Creio que em nenhum momento da História da Igreja, a multiplicação de profetas tenha sido maior que a de nossos dias. E um dos problemas mais graves de nosso tempo é de ter a sabedoria de discernir os profetas autênticos e não fazê-los calar, massacrar, matar. Porque então faríamos calar o Espírito Santo. (*Appel au dépassement. Retiro de 1970, A Renovação*, p. 4-5).

4. Um verdadeiro profeta

Eis agora alguns critérios que poderão ajudá-los a distinguir entre os verdadeiros e os falsos profetas

1. *Um verdadeiro profeta é um homem que se compromete na sua profecia.* Porque pode haver acidentalmente homens que dizem a verdade sem cumpri-la. Esses não são verdadeiros profetas.
2. *Um verdadeiro profeta é um homem que fica fiel à palavra de Deus...* Dialoga-se muito hoje. É muito bom. Mas não tenham nenhuma confiança em diálogo que não nasce da oração e que não é precedido pela oração. É pela oração que se

pode entrar na óptica de Deus e dizer coisas em conformidade com a vontade de Deus.

3. *A profecia se verifica pelos frutos que produz...* “Reconhecerão a árvore pelos frutos...”. Houve quem quisesse ligar a contestação a um movimento profético de nossa época. Será realmente possível assimilar a contestação da juventude à profecia? Não, nem toda contestação é profética. Mas pode haver uma contestação profética. Gandhi, embora não sendo cristão, assinala três características de uma contestação positiva:

a) *A oração*: ele não acredita em contestador que não reza.

b) *A construção*. Se apenas se quer demolir sem construir, a contestação não é positiva.

c) *O amor das pessoas contestadas*. Digam-me se isso não é cristão?

d) *Um verdadeiro profeta fica fiel à sua vocação*.

O verdadeiro profeta no Antigo Testamento criticava Israel, sofria da parte de Israel, mas não deixava Israel. Se isso era válido para o Antigo Testamento... vocês compreenderão como essa exigência se torna mais rígida e muito mais clara no Novo Testamento... É preciso considerar profetas os que são capazes de afundar com o navio... E notem bem isto: um profeta sempre sofre. Ser profeta se paga pelo sofrimento. (*Appel au Dépassement, Retiro de 1970, A Renovação*, pp. 7-8).

5. Amor palpável

Em Basílio o amor pela Igreja era palpável. Seu respeito pelas autoridades eclesiásticas era notório. Seu exemplo de amor à Igreja e ao Papa, acho que foi para nós como o do Padre Champagnat para os primeiros Irmãos. Isso não impede que tenha sido muito lúcido nessa obediência. Assim, por exemplo, quando se lhe chamou a atenção sobre o fato de que não impunha aos Irmãos o uso da batina, respondeu que o próprio Santo Padre achando-se nas circunstâncias em que ele mesmo estava, não impunha o hábito. Ademais, em pontos como esse, cumpria distinguir entre o Santo Padre e alguns setores do Vaticano, mais conservadores que o Papa. Foi também assim que Basílio respondeu dentro do Instituto aos Irmãos que lhe pediam de impor a batina. Basílio tinha um grande senso pastoral para não impor uma medida que teria encontrado muita resistência. Além disso, era um assunto secundário em comparação de outros.

Demonstrou seu amor de modo palpável pelo fato de ter sabido encontrar no mundo marista um bom número de Irmãos de valor que ofereceram seus serviços às Congregações do Vaticano. Cito entre outros, os Irmãos Valentino, Renato Schmaedecke, Honorio Giraldo, Nemesio...

Amor pela Igreja também quando aparece como convidado especial da Santa Sé para o Sínodo sobre a Educação. Ele fez sobre isso intervenções de grande valor. Amor também através de contribuições financeiras substanciais oferecidas ao Papa em diversas circunstâncias... Para confirmar isso seria preciso percorrer as Atas do Conselho Geral de 1968 a 1985. Nada fazia sem informar o Conselho. (*Ir. Cláudio Girardi, testemunho de 18-12-2002*).

6. Auditor

SYNODUS EPISCOPORUM⁷⁸

E Civitate Vaticana, die 9 agosto 1980.

Prot. N. 1259/80

Meu Reverendíssimo Superior-Geral:

Tenho a honra de lhe comunicar que o Santo Padre o nomeou
“AUDITOR”

para a próxima Assembléia Geral dos Bispos que começará em Roma a 26 de agosto, p.f., e durará cerca de um mês.

Esta nomeação comporta o direito de assistir a todas as reuniões do Sínodo (plenárias e círculos menores) e oferece a possibilidade de tomar a palavra, quando pedido pelo Presidente da Assembléia ou pelo Moderador do círculo menor de que se participa

É com prazer que lhe envio o “Instrumentum Laboris”, documento reservado a uso dos Membros e dos Expertos do Sínodo. Anexo também, para seu conhecimento, a carta circular enviada aos Padres do Sínodo.

Rogo-lhe que envie, quanto antes, a esta Secretaria-Geral uma foto necessária para para a carteira de identidade.

Colho, com todo o prazer, esta circunstância para assegurar-lhe os sentimentos de minha estima sincera.

Josef Tomko (Secretário-Geral)

⁷⁸ Trata-se do Sínodo dos Bispos sobre a Família. AFM 51.09. Basílio D2, 80-08-023.

10. Intervenção do Ir. Basílio no sínodo sobre a família, 1980.

Santíssimo Padre, Excelências, Reverendos Padres, Auditores deste Sínodo:

Por estas palavras simples quero agradecer o convite de participar como Auditor deste Sínodo e expressar o eco que ele deixou em mim.

Sem ter nenhuma missão e nenhum direito, partindo somente de uma suposição, quero na minha intervenção tornar presentes todos esses religiosos e religiosas que, de alguma maneira, consagraram sua vida à tarefa da educação cristã e ser seu porta-voz neste momento e diante desta Assembléia.

Diante do grande número de notáveis intervenções que escutei nesta sala, percebi com mais profundidade força e atualidade, a intuição e a paixão pela educação em favor da infância, da juventude e dos marginalizados, pelos quais Dom Bosco, La Salle, Calasanz, Champagnat e tantos outros fundadores e fundadoras queimaram suas vidas. Essa intuição me parece hoje mais importante que nunca perante os desafios pastorais, as necessidades urgentes, os condicionamentos dolorosos... que as intervenções dos Padres sublinharam.

Para ser claro quero explicar meu pensamento em três pontos:

1. A necessidade de suscitar, reviver e renovar.
2. A necessidade de coordenar.
3. A necessidade de uma ação especial.

• *Necessidade de suscitar, reviver e renovar*

Quero ser realista. Aqui foram apresentados um panorama e um ideal muito belos sobre a família. Pede-se-lhe a fé na vida, a generosidade na fecundidade, a responsabilidade na educação dos filhos à pureza e à nobreza no amor; numa palavra, a santidade da família e da vida conjugal.

Em contrapartida, outras intervenções apresentaram, junto com esse programa, a realidade crua de milhões de famílias sem fé, sem ideal, incompletas, etc. Diante do fosso que se abre entre a realidade e o ideal, dois sinais de esperança foram apresentados:

- 1) Essa minoria de famílias admiráveis, cuja representação de escol temos aqui.
- 2) Aquilo que se denominou “*dúctus pedagógicus*” é algo de capital, mas é mais fácil nomeá-lo que descrevê-lo e, sobretudo, realizá-lo.

Eu poria os educadores cristãos e as iniciativas e instituições que seu amor criou ou criará na Igreja, como um dos elementos e agentes desse “dúctus pedagógicus”

Diante das profundas modificações trazidas pela urbanização e a técnica, pela evolução da cultura, pelos conteúdos que hoje enchem a mídia, vemos que é difícil que a família sozinha – até a mais bem intencionada – eduque seus filhos de maneira adequada e cristã.

Nesse contexto, tendo em conta que em muitos países do mundo a infância e a juventude representam 30, 40 e mais % da população, creio que não seja nem exagerado nem parcial insistir sobre o fato que a Igreja, a família e a sociedade precisam daquilo que chamamos apóstolos da educação, apóstolos da juventude. Uma palavra da Igreja seria muito útil com a fim de suscitar essas vocações, de confortar os que já aí estão e redizer a importância das instituições educativas que realmente queiram ser o lugar pastoral da educação cristã, da integração da cultura e da fé, e a educação amorosa e achegada aos jovens, às crianças.

Mas isso não basta. As condições atuais de uma sociedade industrializada e especializada, o espírito competitivo, a invasão do secularismo, as exigências acadêmicas e burocráticas, e os condicionamentos dos sindicatos, tornaram muito complicado o ambiente onde trabalham muitos educadores. Também não basta uma palavra de reafirmação do valor e da importância dessa vocação e dessas instituições; seria muito útil também uma enérgica revisão da renovação dos educadores, da educação e da própria Escola Católica.

É indispensável convidar a recuperar o amor, as virtudes, o tato e a paixão que caracterizaram os fundadores. É indispensável convidá-los a uma enérgica revisão na escala de valores e a uma hierarquização das atividades, segundo sua produtividade pastoral e educativa. É indispensável chamar a um esforço que abrace também, e de preferência, as classes mais humildes e, sobretudo, aqueles de quem – por razões econômicas, intelectuais, psíquicas e outras – ninguém se ocupa.

É indispensável, finalmente, convidar a renovar a escola católica, de sorte que ela recupere sua fisionomia e sua ação pastoral e pedagógica.

- ***Necessidade de coordenação***

A vida moderna e as cidades afetadas por uma urbanização galopante conduzem quase inexoravelmente à especialização e à separação. Isso ocorre também no

campo pedagógico e pastoral. A Igreja tem seu caminho, a família tem o seu, e a Escola Católica também procede em muitas ocasiões de maneira independente das duas primeiras.

Sem desconhecer que há belas exceções de integração pastoral, me parece que o fenômeno que descrevi é por demais geral.

Agora, se a confluência coordenada da Igreja, da família e da escola sempre foi necessária, hoje é ela é indispensável na tarefa da educação.

Permitam-me um exemplo que não tem nenhuma intenção de julgar e, ainda menos, de valorizar opções políticas ou eclesiais, mas simplesmente de apresentar a importância e eficácia dessa ação coordenada, sobretudo em tempos difíceis. Foi quando na década de trinta, no meu país, o Estado exigia uma educação ideologicamente inaceitável pela Igreja. A recusa dos pastores, das famílias e dos educadores cristãos foi clara e efetiva. Mas a atitude negativa foi completada por uma resposta positiva: muitos educadores cristãos organizaram uma educação cristã subterrânea; a Igreja os apoiou e coordenou. Os pais puseram à disposição os próprios lares com o preço e o risco que isso supunha. Os crianças continuaram sua educação nesses grupos “underground”, sem dizer que não tinham nenhum valor acadêmico. A insegurança, a perseguição, as limitações de todo o gênero foram vividas com alegria, generosidade e profunda união nessa “escola do silêncio”. Estão aqui pelo menos duas testemunhas dessa situação: Dom Rafael García e seu servidor. Essa situação durou alguns anos; finalmente o Estado cedeu e reconheceu “de facto” sua existência e seu exercício. Os frutos foram abundantes.

É por isso que vi com alegria, entre as proposições votadas por este Sínodo, o convite para que os pais estejam ativamente presentes, na medida do possível, em todos os lugares onde se faz (por bem ou por mal) a educação de seus filhos. Uma palavra da Igreja, por ocasião de um documento sobre a família, seria bem-vinda; nesse convite ela pediria à família que se comprometa na cooperação à formação das comunidades educativas cristãs. Isso é o futuro indispensável da Educação Católica.

- *Necessidade de uma ação especial*

Creio que os educadores cristãos e as instituições educativas católicas em geral (refiro-me às que estão comprometidas com a educação sistemática) estivemos

longe de trabalhar de maneira adequada e satisfatória numa formação ao amor, à fecundidade e à vida de família, tais como estão previstas no plano de Deus, tais como foram proclamadas neste Sínodo e tais como são reclamadas pelos tempos e as circunstâncias do mundo contemporâneo.

Nós nos temos preocupado demais com outras prioridades e urgências. Não sensibilizamos nem preparamos nossos educadores nesse domínio. Fizemos desse tema um estudo “científico” demais (permitam-me a palavra) para responder às expectativas, à beleza e às exigências do plano de Deus sobre esse aspecto da educação.

Neste momento formulo meu desejo e minha vontade de sensibilizar tanto quanto possível minha Congregação, meus Irmãos, as instituições e os outros educadores com os quais possa ter contato... a fim de responder especificamente à tarefa de uma real educação à vida de família e orientar particularmente esse serviço para os que vêm de famílias incompletas ou desmanteladas, ou que não têm o amor e qualidades requeridas, por serem pobres de dinheiro ou de situação social, ou em qualidades intelectuais ou físicas e precisam muito de que nossa ação torne tangível o rosto paternal de Deus e a ternura amorosa da Igreja, mãe e educadora.

Assumiremos assim a parte que é nossa no “*dúctus pedagógicus*” para o qual o Sínodo se mostrou tão sensível.

Ir. Basilio Rueda Gazmán, f.m.s.,
Superior-Geral,

11. Uma carta pedindo desculpas⁷⁹

Roma, 16 de julho de 1981.

S.E.R. Dom Eduardo Martínez Somalo,
Secretário Substituto de Estado,
Cidade do Vaticano.

Eminência:

Voltando a Roma depois de viajar por diversos países, acabo de tomar conhecimento da carta da Secretaria de Estado, firmada por Vossa Eminência.

⁷⁹ AFM, 51-09-D2.

Ser-lhe-á fácil imaginar meu desapontamento e minha pena ao ler as cartas dirigidas ao Santo Padre por um membro de nossa Congregação. Na melhor das hipóteses, mesmo que houvesse um mínimo de fundamento, nunca esse tom, que não hesito de qualificar de inadmissível, deveria ter sido empregado.

Uma coisa é clara: essas cartas não refletem absolutamente o espírito que nos anima e tenho a dolorosa impressão que o Irmão, que na realidade só exprime sua própria opinião e, quando muito, a de um ou outro membro isolado do Instituto, comete um abuso intolerável, deixando crer que ele se expressa em nome de um conjunto de Irmãos Maristas.

Francamente, só conheço esse Irmão de maneira superficial e sou incapaz de me formar uma opinião sobre as razões que puderam impeli-lo a agir assim...

Se, ulteriormente, houver algumas conseqüências, ser-lhe-ia grato que me informasse disso.

Estou certo que Vossa Eminência compreende facilmente que nos tempos atuais, levando em consideração o espírito crítico muitas vezes mal compreendido, o pluralismo das idéias teológicas e pastorais difundidas pelo mundo, uma Congregação dificilmente pode proteger todos os seus membros das influências externas.

Nessas circunstâncias, casos individuais desse gênero podem originar-se contra a nossa vontade.

A maneira de governar, de proibir e eventualmente de castigar não reveste mais, é preciso reconhecê-lo, a facilidade dos tempos passados.

Mas tenha a certeza, Eminência, que farei tudo o que me for possível fazer nesse caso.

Rogando à Santa Sé e particularmente ao Santo Padre de bem aceitar nossas escusas, reafirmamos com alegria e ufania nosso fiel e filial apego a Sua Santidade e lhe asseguramos orações de todo o Instituto por seu pronto e completo restabelecimento.

Respeitosamente,

Ir. Basilio Rueda, fms,
Superior Geral.



ÍNDICE

1 Maria na vida de Basílio	3 - 23
1.1. Na sua juventude	3
1.2. Um tempo de perturbação	4
1.3. Maria caracteriza os Maristas	4
1.4. O Magnificat	5
1.5. À procura de sabedoria	6
1.6. Sua maneira de rezar	6
1.7. O rosário	7
1.8. Um Novo Espaço para Maria	8
1.9. Num clima de oração e de fraternidade	9
1.10. A fé da Santíssima Virgem	10
1.11. Ladainha na Circular	11
1.12. Pedagogia da Circular	14
1.13. 1993: Seu último Capítulo Geral	14
1.14. Quando sobrevém a doença	15
1.15. Amigos falaram	15
1.16. E as Constituições?	16
Textos	18
2 Basílio e o Padre Champagnat	24 - 30
2.1. Um outro Champagnat	24
2.2. Pontos de semelhança	24
2.3. O Fundador nos escritos de Basílio	27
2.4. E l'Hermitage?	28
2.5. E o Ano Champagnat?	29
Textos	31
3 Basílio e a Igreja	35 - 55
3.1. “Sentire cum Ecclesia” e mistério da Igreja	35
3.2. A experiência do Mundo Melhor	36
3.3. Superior-Geral	37
3.4. Auditor e Consultor	39
3.5. No tempo que sucede ao Vaticano II	40
3.6. A Igreja antes que a Congregação	41
3.7. O que a Igreja pensa dos religiosos	42
3.8. Obediência e respeito	42
3.9. Obediência quer dizer renovação	44
Textos	46

**QUANDO ANUNCIAS
JESUS CRISTO
RESSUSCITADO,
TU TE COMPROMETES
COM ELE,
DE SORTE QUE DIANTE
DE QUALQUER DILEMA
ENTRE JESUS CRISTO
E OUTRA COISA,
TU TE DEIXAS ESFOLAR
ANTES QUE RENUNCIAR**

**A JESUS CRISTO,
E QUE TUDO SE PERCA,
ATÉ TUA PRÓPRIA MÃE,
MAS NÃO JESUS CRISTO.**

Autor

Ir. Giovanni Bigotto, Postulador Geral

Tradução

Oscar Mombach e Salvador Durante - fms

Original: *Cahier 1: Marie, Champagnat, l'Eglise* – Março 2003

Editor

Instituto dos Irmãos Maristas – Casa Geral - Roma

C.P. 10250, 00144 Roma, Itália

Tel.: (39) 0654 5171 – Fax: (39) 0654 517217

E-mail: publica@fms.it e gbigoitto@fms.it

Website: www.champagnat.org

© Instituto dos Irmãos maristas.

Janeiro 2005.

Impresso na Itália